A CENA MUDA



Nº 20 ★ 19/5/54

NESTE NÚMERO:

★ REPORTAGEM COM VICTOR MATURE

★ ESCANDALOS EM HOLLYWOOD

★ REPORTAGEM COM O «BALLET» DO IV CENTENÁRIO

★ QUANTO GANHAM AS «ESTRÊLAS» E «ASTROS» ITALIANOS

★ OS GRANDES VULTOS: MICHELE MORGAN

VICTOR MATURE

P3028-2

Os seus pés devem ser um ponto de Admiração



Qualidade · Preço
Originalidade
são os 3 encantos
da INSINUANTE

Creação de Mister
JAMES para a Sapata-
ria mais querida da Cidade

insinuante

CARIOCA, 46 e 48 e
SET. SETEMBRO, 199-201

É a maior e melhor
Sapataria da America
Latina, e é tambem
uma galeria á sua
disposição.



PRÉ-ESTRÉIA
3 - GENEVIÈVE

APRESENTADO NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE SÃO PAULO

Momento de agradável comicidade e expressão fascinante da vida de um casal inglês

Nº 20, DE 19 DE MAIO DE 1954

SUMÁRIO

REPORTAGENS ESPECIAIS

Quanto Ganham as "estrêlas" da Itália 4
Os melhores filmes de todos os tempos 6
Os grandes vultos: Michèle Morgan 41
Escândalos de Hollywood 18
O amor entre um jovem par 21

SEÇÕES PERMANENTES

Pré-Estréia: Geneviève 3
Cinema Brasileiro 10
A Nossa Capa 12
Segredos da Tela 16
Quadro de Honra do Mês 17
Novela das Imagens 23
"Ballet" 26
Cartazes em Revista 28
Cine Respostas 30
De Todo o Mundo 31
Teatro-Música 32
Página do Leitor 33
Rádio 34

«Humour» britânico constitui algo que necessita de compreensão. Muitas das suas sutilezas sòmente poderão ser bem compreendidas por aquêles que conhecem a Grã-Brètanha. Entretanto, de maneira geral, a inteligência do público brasileiro já assimilou o principal. De tal forma se vem impondo a finura do cinema inglês que já criou uma legião de admiradores. A linguagem é discreta, inteligente, artística e dotada de admirável personalidade. Tradição e cultura refletem-se sempre, de mãos dadas e, mais uma vez, assim ocorre neste delicioso filme.

«Geneviève» não é, no presente caso, um nome de mulher. Trata-se, sim, do apelido que um advogado britânico chama o seu auto, um velho Darraq, modêlo de 1904! Nas horas vagas, êle é entusiasta de corridas de carros particulares. Entretanto, a sua espôsa acha muito infantil essas disputas. Mais duas personagens formam o «quarteto» da trama: um amigo do casal e a sua extravagante namorada. O conteúdo não se propôs a mensagens e, sim, apenas divertir. Não há pròpriamente uma história e sim curiosas situações.

A expontaniedade da direção de Henry Cornelius supriu a falta de maior objetivo da comédia. A ironia dos diálogos, o relato de maneiras britânicas, em tôrno de pequenas filosofias caseiras, é o ponto alto. O sentido de imprevisto foi bem cumprido porque certas passagens são mesmo desconcertantes. A seqüência do «night-club», em que Rosalin promove um inesperado concêrto de trompeta, junto à orquestra do estabelecimento, é uma delas. O «climax» tem igualmente êste sentido. Há uma corrida, seguindo velhos hábitos dos desportistas londrinos, repleta de «verve» muito típica, plena de observações. E a película termina sem maiores conseqüências porque o objetivo foi apenas focalizar algumas horas da vida de um casal da classe média britânica, os seus hábitos e os dos amigos mais íntimos.

A interpretação é perfeita conforme, aliás, a habitual característica da grande arte de representar no grande país. As responsabilidades foram divididas de tal forma, entre as quatro personagens, que, com habilidade, evitou-se a supremacia de qualquer um dêles sôbre o outro. E êste foi um dos segredos para a sábia homogeneidade que se irradia em todo o desenrolar. Portanto, honras iguais para as duas interessantíssimas «estrêlas», Dinah Sheridam e Kay Kendall — aliás, dois tipos propositadamente bem diversos — e a dois bons atores: John Gregson e Kenneth More. Rodado em «technicolor», apresenta muitas passagens em que se vêem os arredores de Londres (estrada de Brighton à ponte de Westminster, o local em que a corrida de autos é encerrada). Há classe em todos os setores técnicos e, em conjunto, é espetáculo de agrado certo às platéias selecionadas.

JONALD

Dois carros velhos e quatro atores, os protagonistas do filme «Geneviève».



QUANTO GANHAM AS "ESTRÊLAS" E "ASTROS" NA ITÁLIA?

De H. ANDERSEN, **exclusivo para A CENA**

APÓS os sofrimentos da segunda guerra mundial, na Itália ainda entre ruínas surgiu um novo cinema italiano, na sua mais gloriosa época. Grandes capacidades da arte cinematográfica formaram-se neste período. Assistimos então a «Roma, cidade aberta», de Rosselini, «Viver em paz», de Zampa e o «Bandido», de Lattuada.

As platéias do mundo ocidental, depois de cansadas de ver filmes de guerra, com fórmulas repisadas e onde poucas se destacavam pelo valor artístico, sentiram-se logo atraídas pelo cinema que surgia, pleno de valor humano.



Silvana Pampanini, uma das revelações do cinema italiano e uma das atrizes mais bem remuneradas.

Silvana Mangano, sucesso de bilheteria e artístico no apogeu da carreira abondonou-a em benefício do lar.



Todos falavam em cinema italiano e diziam ser o maior do mundo. Mas, com o êxito veio o dinheiro e com o dinheiro surgiu Lollobrigida, Pampanini, Mangano, e os bustos e as pernas começaram a tomar conta das imagens cinematográficas italianas.

Mas o dinheiro aumenta e assim os atores italianos são dos mais bem pagos do mundo. Justamente os físicos de Lollobrigida e Pampanini conseguiram a dianteira entre os atores mais bem pagos. Assim Gina recebe 30 milhões de liras por filme: com uma percentagem para o aumento ou não de seus decotes... Pampanini, cuja propaganda a alcunhou de bomba atômica, se distanciava de Gina em cêrca de 12 milhões, recebendo, portanto, 18 milhões por película. A grega Yvonne Sanson teve a sua vulgaridade muito bem paga com cêrca de 12 milhões por película.

A bela e talentosa atriz Lucia Bosé, possuidora de vigorosa sensibilidade dramática, ganha 10 milhões por película. Eleonora Rossi Drago, a Ingrid Bergman italiana, juntamente com Ana Maria Ferrero, alcançaram cêrca de 8 milhões cada uma.

Já a beleza máscula não é muito considerada no cinema italiano. Totó ficou à frente de seus colegas recebendo a fabulosa quantia de 25 milhões por película. Fabrizzi, um dos grandes atores da cinematografia, não muito dotado fisicamente, vinha logo abaixo de Totó na lista dos que mais ganham, com cêrca de 20 milhões por película.

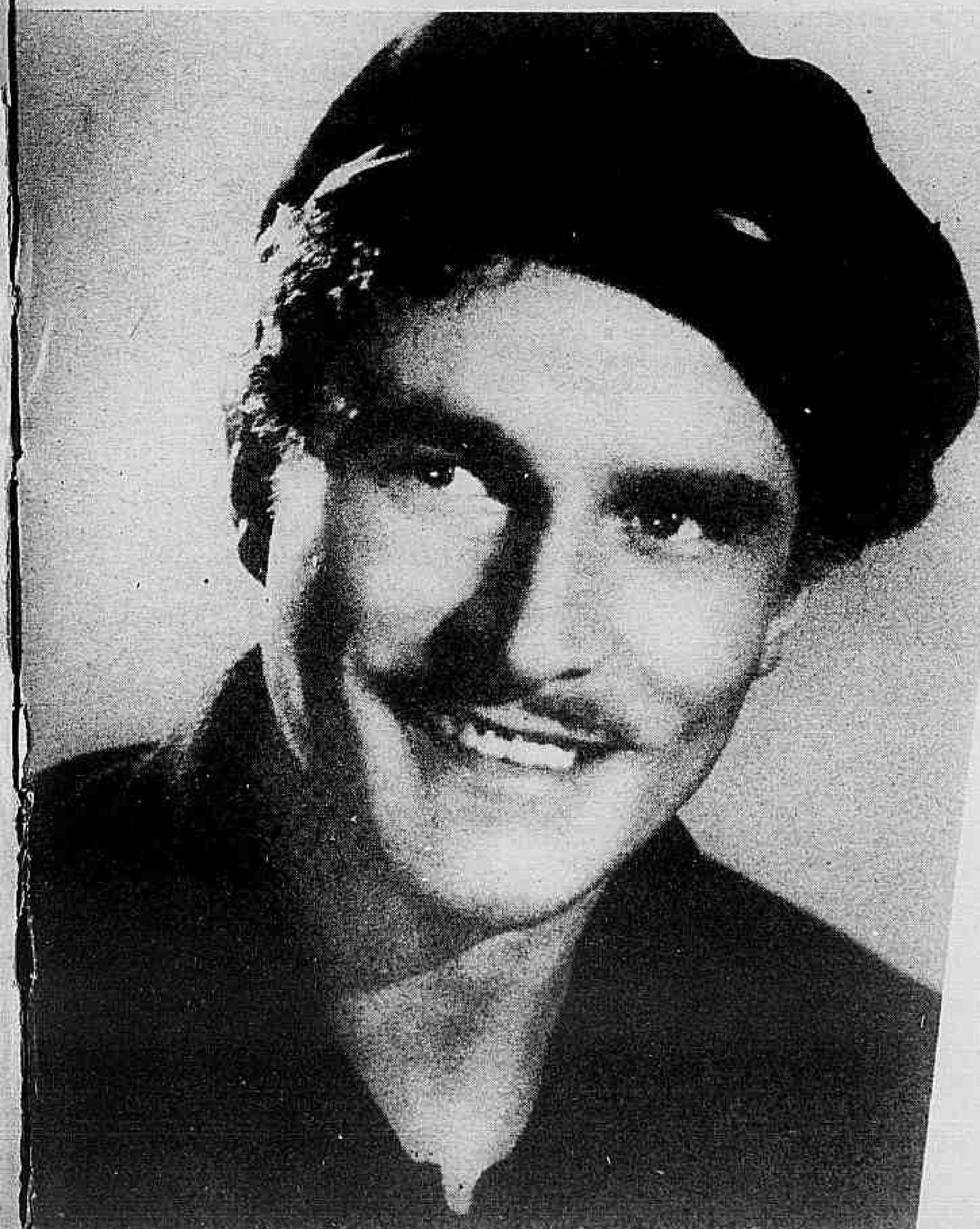


Massimo Girotti, 8 milhões por filme.



Ingrid Bergman trocou salário por um nível artístico.

Amedeo Nazzari, um excelente ator e, dos mais bem pagos — 18 milhões.



O másculo Amadeo Nazzari com o caretista Walter Chiari receberam 18 milhões. O bonitão Raf Vallone e Folco Lulli eram pagos com pouco menos, ou seja 15 milhões de liras, enquanto o expressivo Massimo Girotti teve o seu trabalho pago com cêrca de 8 milhões por filme.

Ana Magnani já foi paga com 30 milhões, e dizem que Silvana Mangano recebeu fabulosa quantia pelo seu desempenho em «Ulisses». Mas êste pagamento, do qual desconhecemos o valor, foi justificado porque o seu parceiro sendo Kirk Douglas, a atriz italiana também ganhou à americana.

Além de receberem muito, os grandes cartazes italianos andam ocupadíssimos e se alguém pretende contratar Pampanini, por exemplo, tem que fazê-lo com seis meses de antecedência.

Alguns «astros» pràticamente desconhecidos (ainda) para os brasileiros começaram modestamente e logo alcançam renome e passam a receber 20 vêzes mais. É o caso do simpático Gabriele Ferzetti que apareceu em «Sol nos olhos», exibido no Festival de São Paulo, e estará presente em dois filmes do próximo Festival patrocinado pela Art Films: «Três histórias proibidas» e «Puccini». Possui uma certa semelhança física com Laurence Olivier e muita personalidade. Ferzetti, que apaixonará muita gente, de 3 milhões de liras passou a ganhar 25 milhões! Isto em poucos meses. Sua companheira de «Sol nos olhos», de 1 milhão passou para 8 milhões.

Esperemos que os milhões não atrapalhem muito o valor cinematográfico da Itália.

OS MELHORES FILMES DE TODOS OS TEMPÔS

DE JONALD, EXCLUSIVO PARA "A CENA"

(Continuação dos números anteriores)



«O mágico de Oz», de Victor Fleming (Metro), delicioso filme infantil e dos melhores no gênero.



«Juarez», de William Dieterle (Warner), com Paul Muni, Bette Davis e Brian Aherne.

«Do mundo nada se leva», de Frank Cappra (Columbia), com James Stewart e Jean Arthur.

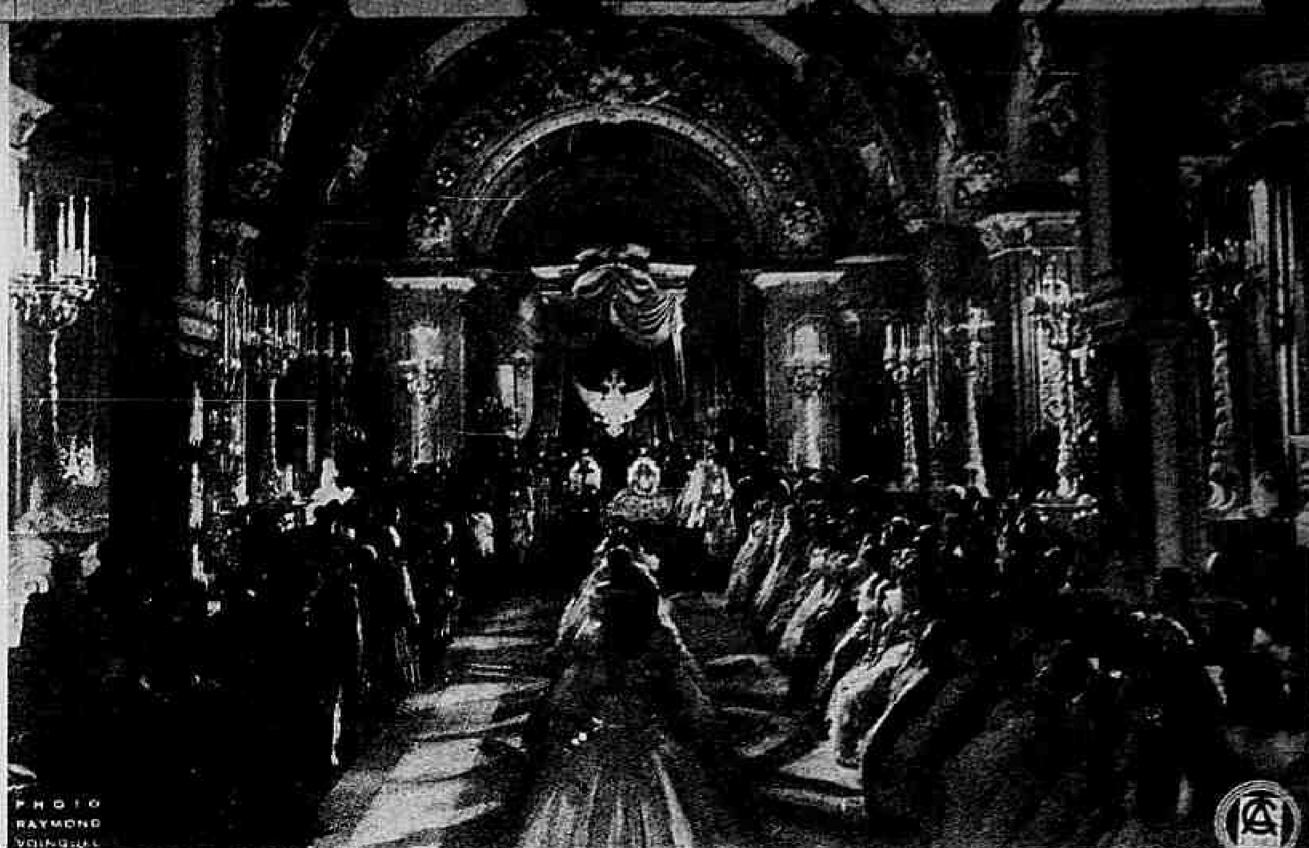


1 9 3 9

Após a seleção dos dez melhores do ano, vejamos os principais filmes que se seguem da seleção dos 60 melhores do ano. Ao lado do ano de 1937, foi outro de máxima expressão na história do cinema falado. Sòmente acompanhando a extensa lista de extraordinárias realizações dêsse ano, se poderá compreender o declínio do cinema universal, no tocante aos dias que passam.

"MULHERES SEM HOMENS" ("Prison Sans Barraux", França). Segundo F. C. ("Cinearte") no cinema silencioso o filme que melhor fixou a vida das criaturas reclusas nas prisões foi "Mulher sem Deus", de De Mille. No falado, o primeiro grande filme do gênero foi êste, tão bem dirigido por Leonide Moguy, naquela época recém estreante na arte de dirigir. Êsse foi o filme que inspirou a Julien Duvivier a retornar ao assunto, com "Vítimas do destino", revelando Suzanne Cloutier. Êste filme, por sua vez sugeriu um "ciclo" internacional do assunto, começando, nos Estados Unidos, com "À margem da vida". O de Moguy revelou Corinne Luchaire, além de outros grandes desempenhos: Ginete Leclerc, Annie Ducaux e Roger Duchesne; "BEAU GESTE" (Paramount). A segunda versão do famoso filme silencioso, de 1926 (Ronald Colman, William Powell, Noah Beery, Neil Hamilton) foi, ainda, um magnífico filme de William Wellmann, com Gary Cooper, Ray Milland, Robert Preston; "PATRULHA DA MADRUGADA" (Warners). Outra refilmagem, um belo filme de Edmound Goulding, considerado tão bom quanto o exibido no Rio, em 1930, de Howard Hawks, com Richard Barthelmess e Douglas Fairbanks Júnior, já analisado em outras páginas desta série. Esta nova versão foi muito bem vivida por Basil Rathbone, Errol Flynn e David Niven; "NO TEMPO DAS DILIGÊNCIAS" (United), um dos "westerns" que passaram à antologia do cinema falado. Admiràvelmente dirigido por John Ford foi um dos filmes que reavivou o "ciclo" do gênero, no cinema falado, ao lado de "Uma cidade que surge" e "A lei do mais forte". Um grande elenco: John Wayne, George Bancroft, Claire Trevor, John Carradine, Thomas Mitchell, Francis Ford, etc.; "NOITES DE S. PETERSBURGO" (Nuits de Feau, França). Adaptação de "Cadáver vivo", de Tolstoi, que já havia sido filmado, no comêço do cinema falado, por Fedor Ozep, com o famoso W. Pudowkin como intérprete, além de Gustav Diessel e Maria Jacobini (filme alemão). Marcel L'Herbier obteve nesta refilmagem um dos seus melhores trabalhos; Gaby Morlay, Victor Francen, Gabriel Signoret, André Nox (que viveu o papel de marido, em "Extase" e que foi o "Pensador", no cinema silencioso). Outro aspecto de rara importância artística no filme é que marca a inclusão de grandes "ballets" clássicos no cinema europeu seguindo, assim, entre outros, o exemplo da Warners em "Sonho de uma noite de verão". Coreografia de mérito, do grande Serge Lifar e música de Wiener; "LOUCOS POR ESCÂNDALO" (Break, the News, Inglaterra). O grande René Clair em uma excelente refilmagem de uma película que foi dirigida, em 1937, na França, por Berthomieu ("Le mort en fruit", não exibida no Brasil). Comédia satírica e irônica, como só Clair poderia fazer. Aproveitou, com talento, a irreverência de Maurice Chevalier, ao lado de June Knight e Jack Buchanan; "UM BENEMÉRITO" (RKO). A revelação diretorial do ano, Garson Kanin, em uma deliciosa e diferente comédia; "NÁUFRAGO DA VIDA" ("The Beachcomber", Inglaterra). Um grande diretor do passado do cinema, Eric Pommer, aproveitando bem um livro de Somerset Maughan. Charles Laughton, Elsa Lanchester e Robert Newton em notáveis desempenhos; "BAS FOND" (França), Jean Renoir em filme vigoroso e realista. Jean

Gabin e Louis Jouvet os principais; "DUAS VIDAS" (RKO), Leo Mac Carey conduzindo, com uma poesia, uma história que lembrava uma conjunção dos temas de "A esquina do pecado" e "A única solução". Charles Boyer e Irene Dunne, esplêndidos nos seus papéis; "CONFLITO DE DUAS ALMAS" (Columbia), Rouben Mamoulian, atravessando a melhor fase da carreira, em lindo filme. Bárbara Stanwyck e Lee J. Cobb os principais; "O MÁGICO DE OZ" (Metro). Uma mensagem de encanto para o mundo infantil e adultos. Victor Fleming conduzindo, entre outros, Frank Morgan e Judy Garland; "RECIFE DE CORAL" (França) Maurice Gleize contribuindo para a áurea fase do cinema francês. Jean Gabin e Michelle Morgan, dois grandes atores; "ROMANCE DE UM TRAPACEIRO" (França), Sascha Guitry, em seu curiosíssimo estilo de comédia, com Rosinne Derrean e Jacquelline Delubel; "60 ANOS DE GLÓRIAS" (Inglaterra). Embora não tão extraordinário quanto "Rainha Vitória", a sequência daquele grande filme, com o mesmo diretor, Herbert Wilcox e intérpretes, Anna Neagle e Adolph Wolbrueck foi muito boa realização; "NASCIDOS PARA CASAR" (United). Filme de raro senso humano, com o diretor John Cromwell recordando o estilo da famosa escola de King Vidor. Carole Lombard e James Stewart, ótimos intérpretes; "VIDA ROUBADA" (Inglaterra). Um dos inesquecíveis trabalhos da genial Elizabeth Bergner, orientada por seu espôso, Paul Szinner. Com o mesmo título, a Warners refilmou o assunto ("Stolen Life"), bom filme de 1946, com Bette Davis e Henry Fonda; 'COM OS BRAÇOS ABERTOS" (Metro). O problema da adolescência e dos reformatórios, iniciando bem um "ciclo" que se tornaria célebre. Norman Taurog orientando Spencer Tracy e Mickey Rooney, no seu melhor trabalho para o cinema; "KATIA" (França). Um delicado filme de Maurice Tourneur, com Danielle Darrieux e John Loder; "O GÊNIO DO CRIME" (Warners), de Anatole Litwak orientando Edward G. Robinson, Humprey Bogart e Claire Trevor, em esplêndido e diferente filme de "gangster"; "MÃE POR ACASO" (RKO). Outra positiva afirmação de Garson Kanin, na refilmagem de "Mãesinha" — exibido em 1937, no Rio — película austríaca-alemã, de Henry Koster (então em sua pátria), com Francisca Gaal. Uma muito interessante comédia, com Ginger Rogers, David Niven e Charles Coburn; "PRISÃO DE MULHERES" (França), de Roger Richebé, com Vivianne Romance e Renée Saint Cyr focalizando, da mesma maneira do que "Só para mulheres", a vida das presidiárias; "NUVENS SÔBRE A EUROPA" (Inglaterra), filme de aventuras, explorando bem o tema da aviação. Tim Whelan conduzindo o grande Laurence Olivier, ao lado de Valerie Robson e Ralph Richardson; "VERDI" (Itália). Carmine Gallone em filme que, para o gênero biográfico-musical, teve o seu valor; Fosco Giachetti extraordinário na personificação de Verdi. Elenco francês-italiano com Pierre Brasseur, Gaby Morlay, Gabriel Gabrio, Camilo Pilotto, Maria Cebotari, Gigli, etc; "A VIDA DE VERNON E IRENE CASTLE" (RKO), Henry C. Potter, revivendo uma exata biografia dos famosos dançarinos. Unânimemente considerado o melhor filme das carreiras de Fred Astaire e Ginger Rogers; "AS AVENTURAS DE STANLEY E LIVINGSTONE" (20th. C. Fox). A terceira filmagem do verídico relato em tôrno do Dr. Livingstone. A primeira foi na época do cinema silencioso (um filme em séries da Universal, intitulado: "Com Stanley na África", apresentando George Walsh e Louise Lorraine! A segunda foi "O explorador das selvas", filme inglês, de Fitzpatrick, com Percy Marmont, apresentado no Rio em 1937. Nesta terceira, muito bom espetáculo de Henry King, Spencer Tracy estêve corretíssimo no repórter e Sir Cedric Hardwicke no sábio. Walter Brenn, Nancy Kelly e Charles Coburn tomavam parte; "NOITE DE PECADO" (Universal), bom filme de John M. Sthal, com Irene Dunne e Charles Boyer; "NOITES ANDALUZAS" (Espanha), trabalho artístico e de importância como mostra da dança folclórica espanhola no cinema. Florian Rey, o melhor cineasta do seu país, na época, orientando "Império Argentino", em conjunto de vibração rítmica de interêsse; "A VIDA DE ALEXANDER GRAN BELL" (20 th. C. Fox), um belo filme evocativo de uma grande vida, dirigido com sensibilidade por Irving Gummings. Henry Fonda, Loretta Young e Don Ameche em destacados trabalhos; "JULIKA" (Alemanha), uma valiosa e humana direção de Gesa Von Bolvary, com Paula Wesselly e A. Hoedger; "AS IRMÃS" (Warners) Anatole Litwak em um dos seus bons trabalhos, orientando muito bem Bette Davis, Errol Flyn e Anita Louise; "SE EU FÔRA REI" (Paramount) a refilmagem de um famoso tema, rodado

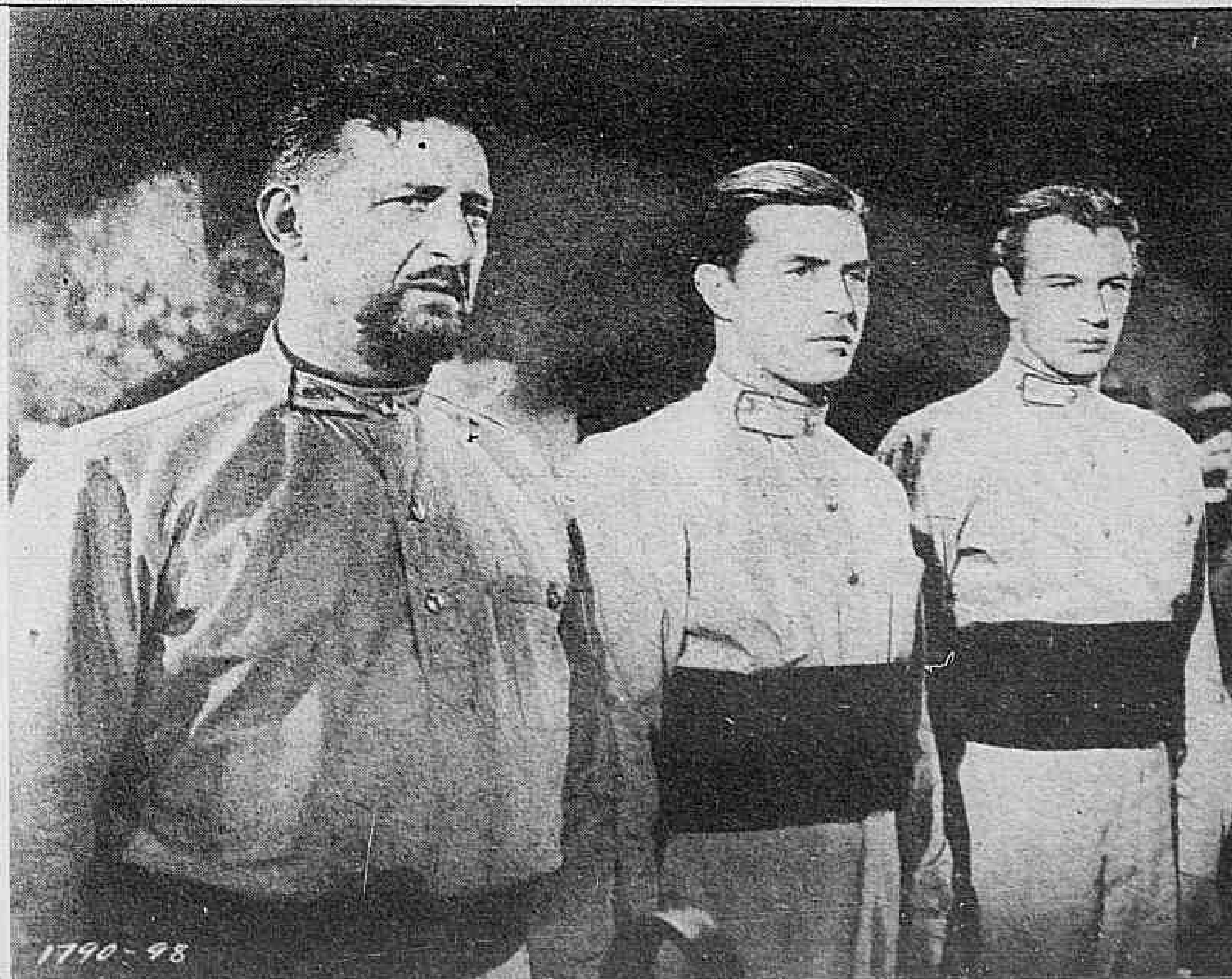


«Katia», de Mauric Tourneur (França), com Danielle Darrieux e John Loder.



«Noites de S. Petersburgo», de Fedor Ozep (França), com Victor Francen, Gaby Morlay e Signoret.

«Beau Geste», de William Wellmann (Paramount), com Gary Cooper e Ray Milland.





«Trágico amanhecer» (França), de Marcel Carné, um dos grandes filmes do ano de 1940.



«Intermezzo» (United), de Gregory Ratoff, o belo filme de Leslie Howard e Ingrid Bergman.

«A charrete fantasma» (França), de Julien Duvivier, com Louis Jouvet e Marie Bell. (Foto Arquivo Ademar Gonzaga).



no cinema silencioso com William Farnum, encontrou em Frank Lloyd e em Ronald Colman e Frances Dee muito bons continuadores de êxitos; "PECADORAS DE TUNIS" (França), de Pierre Chenal, em boa atmosfera realista, com Jenny Holt e Pierre Renoir; "GUNGA DIN" (RKO), George Stevens que se vinha impondo, mostrou também talento para um filme épico. Gary Grant, Douglas Fairbanks Jr. e Victor Mac Laglen estiveram excelentes; "OLIMPÍADA E MOCIDADE" (Alemanha), de Leni Riefenhuaum, um documentário que se tornou um clássico no gênero; "LA MATERNELLE", de M. Epstein e Jean Benoit, filme de classe, com Madeleine Renault e Paulette Elambert; "ALDEIA DE ROUPA BRANCA" (Portugal), de Chianca de Garcia, de muito boa feitura como fixador de costumes lusos. Beatriz Costa e Manuel Santos; "LENDA DE AMOR", de Paul Fejos, com uma bonita atuação de Germaine Aussey; "ANJOS DE CARA SUJA" (Warners), de Michael Curtiz em mais um eficiente documento da vida do menor abandonado. James Cagney, Humprey Bogart e Pat O'Brien; "Quatro filhas" (Warners), problemas do lar, bem fixados, com humanidade, por Michael Curtiz. Claude Rains e Priscila Lane os mais destacaods; "A GRANDE VALSA" (Metro) Fantasia musical sôbre a vida de Johann Strauss, destacando-se pelo ritmo obtido por Julien Duvivier, um tanto desambientado em Hollywood; "JOVEM NO CORAÇÃO" (United). A história de uma velhinha simpática (Minnie Duprez, da Broadway) que regenera uma quadrilha de larápios finos. Richard Wallace conduzindo Janet Gaynor, Douglas Fairbanks Jr., Paulette Goddard, Roland Young, Billie Burke e Richard Garlson.

1 9 4 0

A importação dos filmes americanos, sempre elevada entre nós, acusou, entretanto, um decréscimo de seleção, em confronto com os anteriores anos. No habitual cômputo dos 60 mais destacados do ano, 28 eram originários dos Estados Unidos, contra 32 de diversos países da Europa. Aliás, isto ainda foi uma consequência do "climax" da fase artística do cinema francês na fase anterior à segunda grande guerra. Assim, a França classificou 20 filmes, a Alemanha 6, a Grã-Bretanha 4 e a União Soviética 2. Houve obras de inestimável valor, conforme a resenha que se segue.

1.º — "OS CAVALEIROS DE FERRO" ("Alexandre Nevsky", União Soviética). O maior filme exibido no Rio, em 1940, foi orientado pelo grande cineasta russo Eisenstein. Ritmo funcional, composição plástica admirável e formal transmitindo o espírito do sentido histórico do tema. A seqüência da batalha é uma das mais imponentes que o cinema mostrou. Ainda existe uma cópia dêste filme no Brasil, pertencente à Filmoteca da Faculdade de Folosofia do Rio de Janeiro.

Nikolai Chekassov, que se especializou na Rússia em viver figuras da história (foi o protagonista de Ivan, o terrível e do filho de Pedro, o grande), ao lado de Nikolai Okhlopkoz e Varvara Massalidinova.

2.º — "TRÁGICO AMANHECER" ("Le Jour se lève", França). A história de um homem sitiado em um quarto, o qual, antes de morrer, rememora a sua amarga existência. Marcel Carné o cineasta ideal para êsses temas, expressou a sua nostálgica, por vêzes trágica poesia e obteve uma inesquecível obra-prima. A refilmagem do mesmo assunto, nos Estados Unidos, seguindo o mesmo roteiro, embora inferior ao filme francês, ainda foi um ótimo filme, conforme oportunamente será fixado ("Noite Eterna", de Anatole Litwak).

3.º — "O FANTASMA DA ESPERANÇA" ("La Charrete Fantôme", França). A refilmagem do grande livro de Selma Lagerloff proporcionou a Julien Duvivier um dos seus intensos filmes. Louis Jouvet e Marie Bell em extraordinários desempenhos. O filme passou no Rio como um "bólide", título com que se denominam os filmes estreados em cinemas distantes da cidade ou inferiores.

4.º — "VINHAS DA IRA" ("The Grapes of the Wrath", 20th. C. Fox). John Ford em um dêsses trabalhos que enobrecem uma arte. O livro de Steinbeck foi transposto com tôda a sua admirável verdade, em trabalho de raro valor, em conteúdo e forma. Henry Fonda, Jane Darwell e John Carradine em impressionantes desempenhos.

5.º — "CARÍCIA FATAL" ("Of Mice and men", United). Outro grande livro de Steinbeck que, em um mesmo ano, resultou em notável obra de arte. Lewis Milestone foi ao máximo em matéria de profundidade psicológica em tôrno dos caracteres idealizados pelo autor. Impossível será



«Alexandre Nevsky» (Rússia), exibido no Brasil com o título de «Os cavalheiros de ferro», o melhor filme de 1940.

esquecer as atuações de Betty Field, Burgess Meredith, Lon Chaney e Rummam Bohen.

6.º — "PEDRO O GRANDE" (União Soviética). Retratando a sua própria história, o cinema soviético sempre encontrou imponentes formas de expressão. Neste grande filme, orientado por V. Petrov, tôdas as características históricas da vida de Pedro I foram retratadas em imagens de alto cinema. Tarkhanov estêve magnífico no vulto de Pedro e Jorov e N. Cherkassov e Tararrova foram expoentes da importante obra histórica.

7.º — "A VIDA DO DR. ERLICH" ("Doctor Erlich Magic Bullet"). Filme mensagem, outra tão meritória revivescência de grandes vultos da ciência e da história. Tanto o roteiro quanto a direção de William Dieterle procuraram um espírito construtivo em volta de conteúdo e forma. Edward G. Robinson e Ruth Gordon em desempenhos humanos.

8.º — "A LOJA DA ESQUINA" ("The Shop Araound the Corner, Metro). De sutil delicadeza e inteligência, Ernest Lubitsch em uma das suas mais inolvidáveis realizações. O belo assunto foi refilmado com tantas modificações que se esvaiu o espírito da peça. Margaret Sullavan e James Stewart viveram o par que se amava por intermédio de cartas e, sem se identificarem, se antipatizavam um em presença do outro.

9.º — "CILADAS" ("Pièges", França). Dois grandes diretores — Robert Siodmak e Pierre Renoir — em um dos mais estranhos e diferentes filmes de "suspense" e mistério que o cinema produziu. Maurice Chevalier e Eric Von Strohein, perfeitos nas suas composições.

10.º — "INTERMEZZO, UMA HISTÓRIA DE AMOR" ("Intermezzo", United). Um lindo filme e o único ponto alto da carreira do diretor Gregory Ratoff. A sensibilidade comum a Leslie Howard e Ingrid Bergman contribuiu para elevar a categoria da película.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)



«As vinhas da ira», de John Ford (20th. C. Fox), com Henry Fonda e Doris Bowden, outra das magistrais realizações de 1940. (Foto Arquivo Ademar Gonzaga).

CINEMA BRASILEIRO DE SANIN



Amadeo Celestino, Du Quai e Heloisa Helena, intérpretes do cinema brasileiro.

Eva Wilma, «estrêla» de «A Sogra» e «O Craque», a exemplo de várias atrizes do cinema brasileiro, dedica-se totalmente ao teatro.



★ Um dos episódios de «Rio, 40 Graus» passa-se durante um jôgo de futebol no Estádio do Maracanã. Algumas das seqüências dêste episódio foram registradas durante o jôgo Brasil-Paraguai. Um dos atores é Maurício Sherman.

★ Quem assistiu «Nem Sansão, Nem Dalila», por certo notou a magnífica interpretação de Wilson Grey no papel do Rei. Realmente êle se revelou como um dos melhores atores característicos que militam no nosso cinema. Wilson será provàvelmente um dos intérpretes de uma co-produção argentina-brasileira, dirigida por Carlos Hugo Christiensen. A história gira em tôrno da fuga dos prisioneiros da ilha Anchieta, acontecimento que êsteve nas «manchetes» há dois anos.

★ Robert Fleytag, Josephine Kipper, Cyl Farney, Alexandre Amorim e Vanja Orico são os intérpretes do filme «Ouro Negro», que a Atlântida realiza em co-produção com a Franconia Filmes, da Alemanha.

★ Uma das intérpretes do próximo filme que Mario Civelli vai produzir no Brasil em co-produção com uma firma italiana será, provàvelmente, Glauce Rocha. O primeiro trabalho cinematográfico de importância desta atriz foi em «Rua Sem Sol», de Alex Viany. A sua magnífica criação levou um crítico a qualificá-la de «Bette Davis, verde-amarela». Perfeitamente justo.

★ Vanja Orico, Glauce Rocha e outros, serão os intérpretes de «Boitatá», que será filmado em Uberaba. Roteiro e direção de Alex Viany.

★ Funda-se no Rio mais um cine-clube. A atividade cineclubista tão escassa em nosso meio deveria ser estimulada e prestigiada por todos que freqüentam cinema. Desta vez, é o Cine-Clube Lumière. Parabéns.

★ O Govêrno Federal concedeu um auxílio de Cr$ 18.000.000,00 (dezoito milhões) para a Companhia Cinematográfica Vera Cruz concluir o filme «floradas na Serra» e pagar as indenizações e atrasados aos seus funcionários. Dos inúmeros técnicos que integravam as suas equipes, ficarão sòmente os do filme em conclusão. Todos os demais foram desligados com exceção de Lima Barreto, Tom Payne e Galileu Garcia.

★ Aurora Duarte, Alberto Ruschel e Milton Ribeiro são os intérpretes de «Os Garimpeiros», produção independente paulista que está sendo rodada em Piracicaba.

★ Encontram-se à disposição dos cine-clubes brasileiros, listas de filmes cedidas pelas embaixadas e que poderão ser solicitadas ao seguinte enderêço: SANIN — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio. Solicitamos, outrossim, que nos sejam enviados dados a respeito da organização, número de associados, publicações, número de projeções mensais e um sumário de suas atividades e dificuldades até a data. Agradecemos.

DE SÃO PAULO

★ Segundo declarações do ministro Antônio Balbino, o Govêrno Federal está empenhado em tomar tôdas as providências legais e administrativas necessárias ao fomento da incipiente indústria cinematográfica, cujo desenvolvimento está ameaçado, no momento, por diversos fatôres. Na medida em que os legisladores e o próprio Executivo encaminharem a solução daqueles problemas é que a nossa maior produtora se lançará a novas realizações.

★ REINICIADA A PELÍCULA «FLORADAS NA SERRA» — Com a eleição da nova diretoria da Vera Cruz, a emprêsa de São Bernardo do Campo inicia as atividades de sua nova fase com o prosseguimento da filmagem do filme «Floradas na Serra». Iniciado há tempos, em locação em Campos do Jordão, aquela fita foi extraída do romance homônimo de Dinah Silveira de Queiroz.

★ UM DOS MAIORES ELENCOS DO CINEMA NACIONAL — Do ponto de vista do «cartaz», o elenco da película «Floradas na Serra» é dos maiores até hoje constituídos para interpretar um filme nacional. A grande atriz dramática nacional, Cacilda Becker, considerada como uma das maiores intérpretes desta parte do hemisfério, bem como Jardel Filho, outro notável intérprete teatral, além de Miro Cerni (protagonista de «Na Senda

QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

Com êxito e correspondência cada vez crescentes, prossegue o concurso que foi lançado para atender aos inúmeros pedidos da «enquête», «As cotações dos leitores». Basta consultar, semanalmente, a lista dos grandes filmes de outros anos, na série «Os melhores de todos os tempos» (páginas 6 a 9) e preencher o «coupon» abaixo. «A CENA» está entrevistando o meio cinematográfico e apresentará interessantíssimas reportagens a respeito em seus próximos números. Favorecendo o entusiasmo dos leitores, que desde a abertura solicitaram o filme, a Metro que, há longos anos tinha em suas prateleiras, entre tantos outros antigos filmes, a nova cópia de «Viva Vila», acaba de relançá-lo, no Rio, no Cine Ideal. A seguir, o filme correrá os bairros e outras cidades. Dentro em pouco, será divulgada a primeira apuração que conterá legítimas surprêsas.

QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

1. ....
2. ....
3. ....
4. ....
5. ....

QUAL O MELHOR FILME A QUE ASSISTIU, EM QUALQUER FASE DO CINEMA?

....

NOME (ou pseudônimo) ....

ENDEREÇO..................................

CIDADE E ESTADO.........................

(Tôda a correspondência deverá ser endereçada a ROVLAND, Concurso de "Reprises").

«Viva Vila» foi reapresentado pela Metro no Ideal que, assim, veio a favorecer muitos pedidos e aumentar a «febre» pelas grandes «reprises».





«Mascarada», o melhor filme exibido no Rio em 1934, vem sendo solicitado por diversos leitores. (Foto Arquivo A. Gonzaga).



«Escravos do desejo», 1ª versão, com Bette Davis e Leslie Howard. Embora tenhamos avisado da impossibilidade de «reprises» de obras refilmadas, alguns têm lembrado êsse filme. (Foto Arquivo Ademar Gonzaga).



«O galente Mr. Deeds» (Columbia), com Gary Cooper e Jean Arthur, outra das primeiras solicitações. (Foto Arquivo Ademar Gonzaga).

Embora repetido há pouco, há diversos votos para «A Ponte de Waterlow», com Vivien Leigh e Robert Taylor.



OS GRANDES VULTOS DA ATUALIDADE (E DO PASSADO)

VIII - MICHÈLE MORGAN

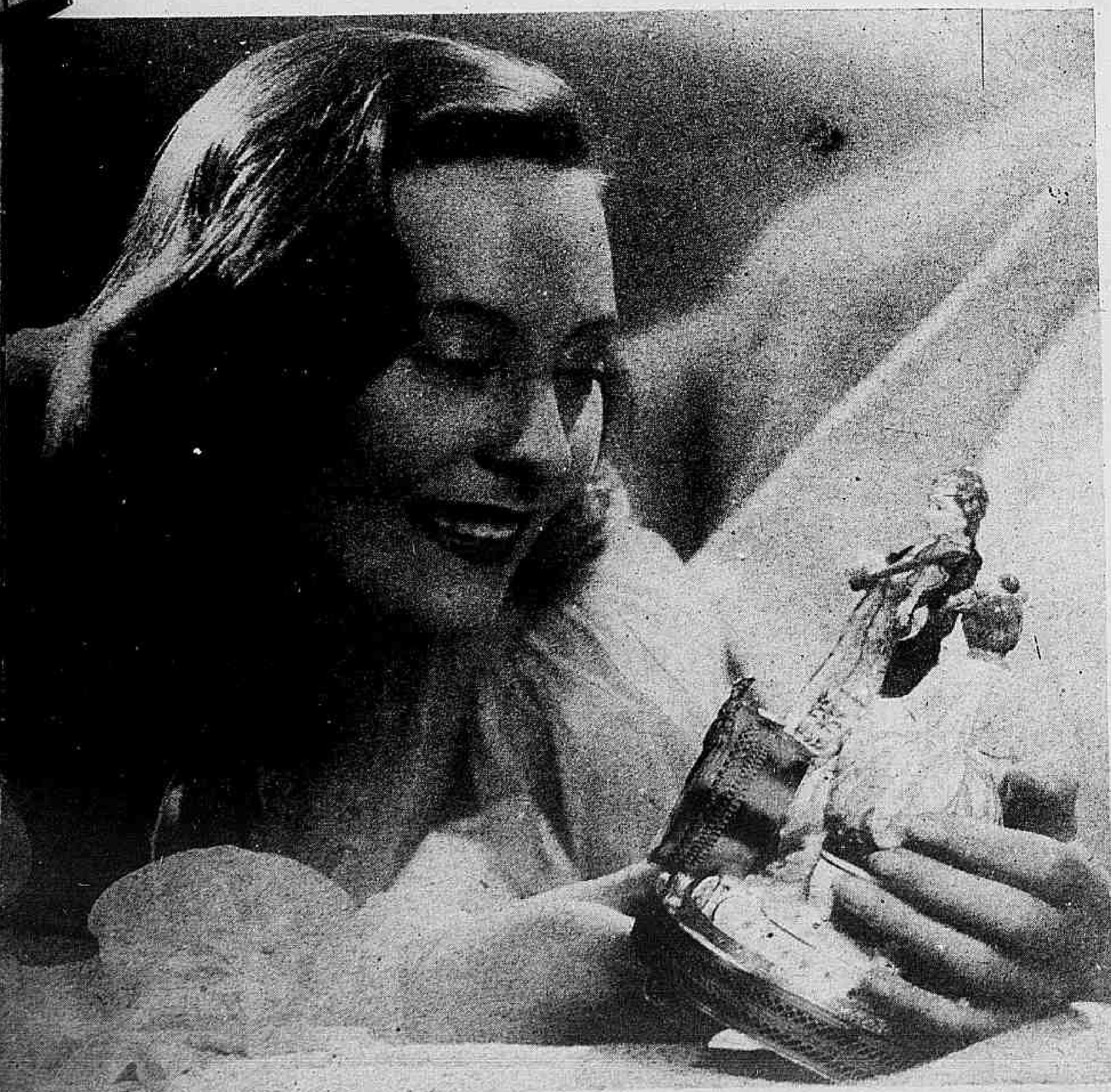
L. BOLTSHALSER, exclusivo para A CENA

O sucesso atual de Michèle Morgan como «estrêla» é a concretização de todos os seus sonhos de criança: «Tôda minha infância — disse ela — eu vivi com a convicção de que, um dia, eu me tornaria atriz de cinema. Castigavam-me privando-me da sobremesa. Eu me consolava pensando nas alegrias que seriam minhas quando eu me tornasse uma vedeta. Prendiam-me em meu quarto, porque eu desenhava bonequinhos nas margens do meu livro de aritmética, e eu não me importava, lembrando-me das compensações que me traria a vida de artista».

Assim, enquanto as outras meninas de sua idade brincavam de boneca, Simone Roussel, a futura «estrêla», preferia assistir em companhia de seu irmão Paul, aos filmes de Greta Garbo, procurando depois imitar as atitudes da famosa sueca.



Michèle Morgan, em expressão plena de dramaticidade, conforme apareceu em seu maior papel, em «Cais das sombras».



Enquanto as outras meninas brincavam com bonecas, Michèle Morgan assistia aos filmes de Garbo. Atualmente ocorre o contrário — um «bibelot» a diverte.

Nascida a 20 de fevereiro de 1920 em Neuilly-sur-Seine, é a mais velha dos quatros filhos do sr. Louis Roussel, modesto funcionário dos escritórios da perfumaria Godet. Dos irmãos de Michèle, Paul, que conta atualmente 30 anos, é também ator.

Em 1932 o pai de Michèle Morgan, em virtude de dificuldades financeiras foi obrigado a transferir-se com a família para Dieppe. A menina continuou seus estudos, sem esquecer as ambições, e, em 1935 com apenas quinze anos, fugiu para Paris em companhia de seu irmão Paul. Pretendiam morar com a avó materna. Esta intercedeu para que Simone ficasse com ela em Paris; Paul teve que regressar a Dieppe.

Simone Roussel adotou então o nome de guerra de Michèle Morgan. «Eu inventei êsse nome muito antes da minha estréia, quando ainda menina, sonhava tornar-me uma artista. Desejava um nome internacional, pois já então, pensava em Hollywood. Primeiro escolhi um prenome de que gostava: Michèle... Depois o nome de Morgan, porque êle começa como Morlay e eu admiro muito Gaby».

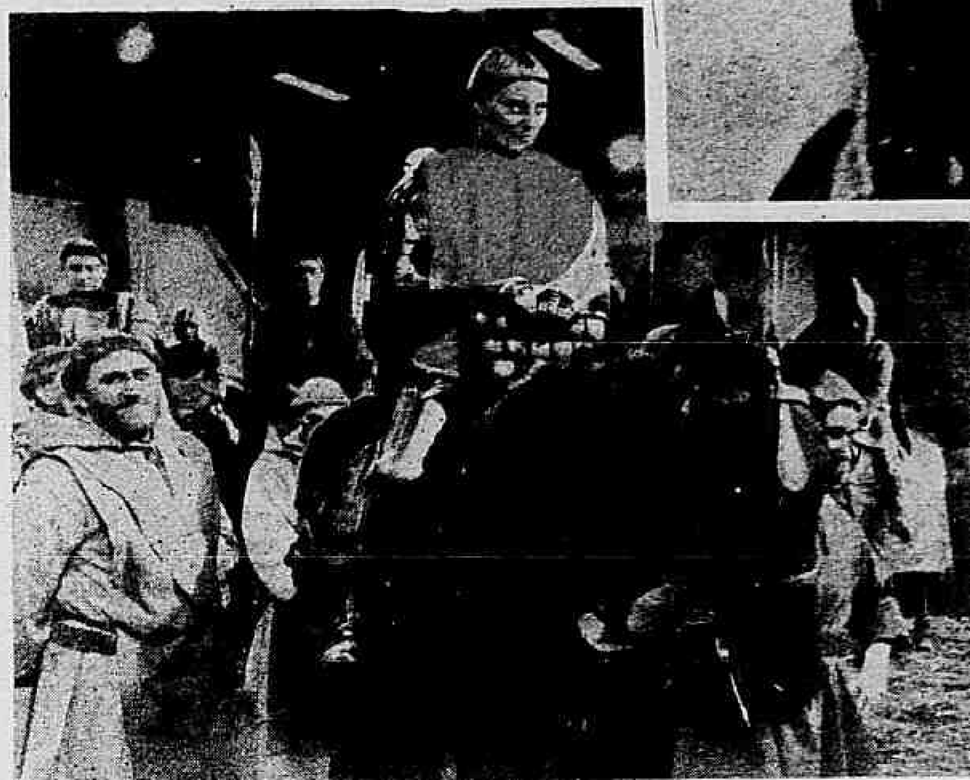
Em Paris, Michèle procura, de porta em porta, os empresários de cinema, e um dia, um dêstes, Jean Devalde consegue para a jovem um lugar de figurante em «Mademoiselle Mozart», cujo «estrêla» era Danielle Darrieux. Michèle passa a seguir o curso de arte dramática de René Simon; entre seus companheiros de turma estavam, Jacqueline Porel, e um certo Stéphane Périer, hoje, o conhecidíssimo François Périer.

Entrementes, a carreira cinematográfica de Michèle Morgan progredia, passo a passo. Em «La mioche», dirigido por Léonide Moguy, o papel que lhe coube já constava de quinze frases e Michèle já tinha direito a um «close-up». Depois, vieram «Une fille e papa» e «Mes tantes e moi». A par disso, a jovem atriz aparecia de quando em quando no palco, em espetáculos de amadores.

A oportunidade de Michèle Morgan veio, quando em 1937 Marc Allégret escolheu-a para o principal papel feminino de «Gribouille», ao lado de Raimu. Daí para cá, foi não apenas uma atividade incessante, mas também uma sucessão de triunfos: «Cais das brumas», de Marcel Carné; «A lei do norte», de Feyder e «Remorques», de Grémillon, entre outros.

A guerra levou-a para Hollywood, onde ela interpretou papéis de pequena importância, notadamente em «A lua ao seu alcance», em companhia de Frank Sinatra, e «Passagem para Marselha», onde contracenou com Humphrey Bogart. Os mais ambiciosos projetos da «estrêla», na chamada «meca do cinema» fracassaram: «Jornada do Pavor», que acabou sendo realizado por Orson Welles com Dolores Del Rio, e «Manon Lescaut», que devia dirigir William Wyler. Wyler foi mobilizado, e as esperanças de Michèle desfeitas. Ofereceram-lhe o principal papel feminino de «Casablanca», que ela recusou, constituindo êste o ponto de partida da carreira de sucessos de Ingrid Bergman.





Em «Destinés», uma película recente, inédita no Brasil, e composta de várias histórias, Michele viu um sonho realizado: Viver (pelo menos uma seqüência) a Donzela de Orleans.

Michèle Morgan e Jean Gabin em «Águas Tempestuosas». Formaram a famosa dupla de «Cais das sombras» e de outros celulóides franceses.



Em 1946, Michèle Morgan voltou à França. Aguardava-a o difícil papel de Gertrude em «A sinfonia pastoral», que ela interpretou admiràvelmente, recebendo no Festival de Cannes de 1946 o grande prêmio de interpretação feminina. Em 1948 projetavam para ela uma «Joana d'Arc», mas a notícia de que em Hollywood também Ingrid Bergman preparava-se para viver a donzela de Orleans fêz o realizador, Jean Delannoy, desistir da emprêsa. «Joana d'Arc» foi substituído por «Encontro com o destino». Porém, embora em uma seqüência veio a ter, em 1953, o sonho parcialmente realizado em «Destinées», onde viveu a legendária santa.

Michèle esperava muito da «Euridice» de Jean Anouilh, que Marcel Carné dirigiria na Itália. Nova decepção para a «estrêla»; entre o realizador e a firma produtora surgiram diferenças que não puderam ser resolvidas. Depois disso, Michèle fêz «Fabíola», «Le chateau de verre», e «Les orgueilleux», filmado no México.

Foi durante as filmagens de «Fabíola» que Michèle Morgan conheceu Henri Vidal, que se tornou seu segundo espôso, e ao lado do qual «estrelou» a «Dança do pecado». O primeiro marido da atriz foi William Marshall, que ela conheceu em Hollywood, e de cujo casamento nasceu um filho: Michel. Casados em 1942, William e Michèle ficaram separados pelo Atlântico quando, em 1946, ela regressou à França. Em 1948 a separação tornou-se oficial, e Bill Marshall pouco depois encontrava Micheline Presle que se divorciaria, por sua vez, para desposá-lo.

Os atores que Michèle Morgan mais admira são: Pierre Fresnay, Gaby, Morlay, Danielle Delorme, Madelêine Renaud. Seus esportes favoritos são, o tênis, a natação e a equitação. Suas preferências musicais vão para Debussy, Tchaikowski e Chopin. Seus gostos literários abrangem de Maupassant a Maurois, passando por Dumas e Bromfield. O livro que ela releu com mais freqüência foi «...E o vento levou».

Michèle é muito supersticiosa, nunca passando debaixo de uma escada... Nas horas vagas, dedica-se à pintura, já tendo exposto em algumas galerias parisienses.

A música que ela cantarola com mais freqüência é «La vie en rose», também a melodia preferida de Henri Vidal.

SEGREDOS DA TELA

A "MAQUILLAGE" TEM OS SEUS MISTÉRIOS

Orientação de LONG-SHOT



A confrontação do retrato de Maria Antonieta (à esquerda) e de Norma Shearer (à direita) bem demonstra a fidelidade que se pode conseguir com os recursos da maquilagem.

REALMENTE prodigiosos são os recursos da maquilagem. É mesmo, muito comum ouvirmos dizer que a beleza das atrizes é artificial — «Tudo é maquilagem». Por incrível que pareça, os próprios maquiladores são os primeiros a negar êste pretenso elogio.

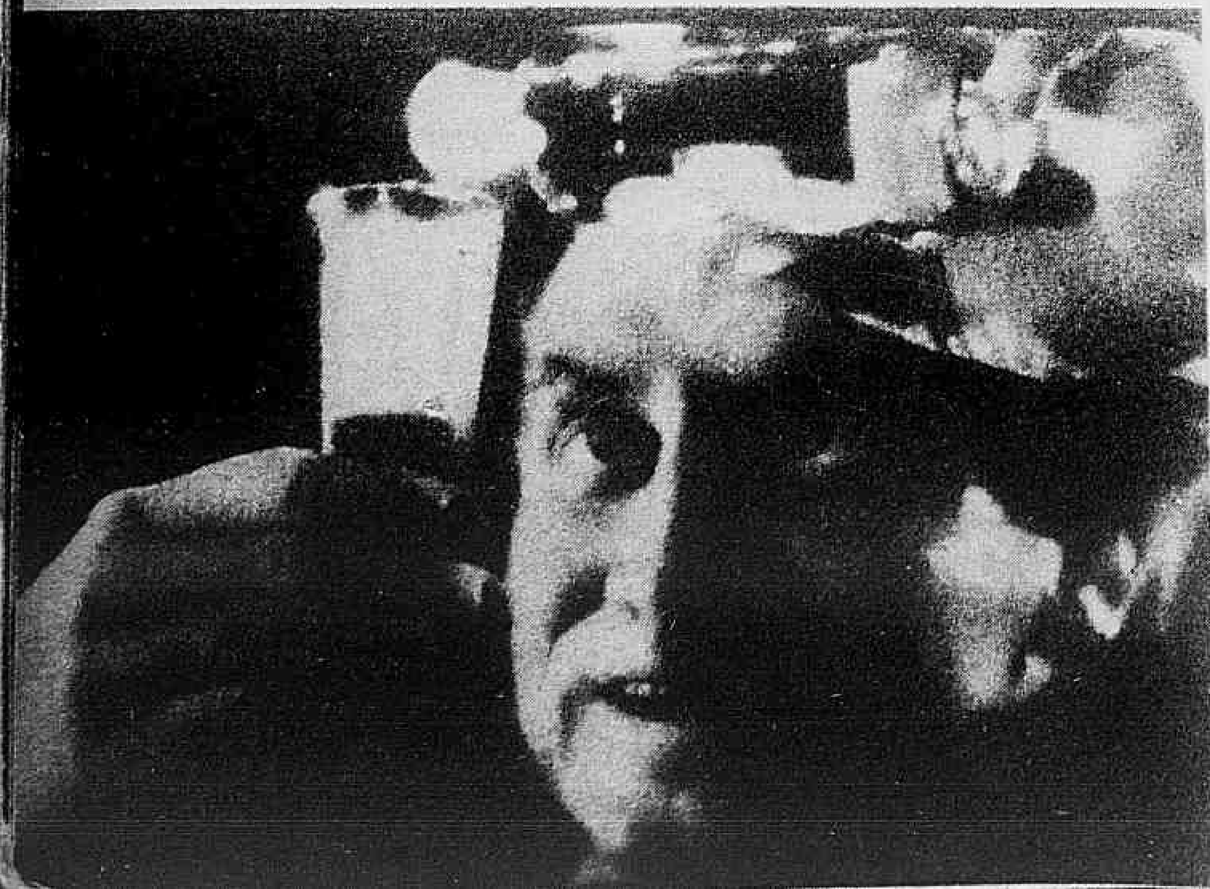
«— Nós — dizem êles — nada mais fazemos que acentuar os traços naturais da pessoa.»

O que, em geral, se atribui aos maquiladores (isto não pode ser esquecido) é, também, obra do «camera-man» que descobre e focaliza os ângulos mais fotogênicos das atrizes e atores; do iluminador que, com matizes de luz e côres, realça a expressão dos intérpretes; do cabelereiro, do diretor e, nunca nos esqueçamos pois êle é o fator principal, do próprio intérprete.

A maquilagem tem também a função de dar à pele o colorido, da luz forte dos refletores do estúdio. Sugere a côr natural, doentia ou saudável. E tudo fruto exclusivo da habilidade dos maquiladores. Alguns têm conseguido, com os recursos de que dispõem, maravilhosas transformações pois tornam irreconhecíveis os nossos mais caros atores. Um dos exemplos, mais freqüentemente citados, foi o realizado em Jean Marais no filme «A Bela e a Fera». O «non-sense» e o belo-horrível poderiam se aplicar perfeitamente à essa maravilhosa caracterização.

Um dos trabalhos do maquilador que requer mais cuidado e perfeição é a maquilagem sucessiva, empregada freqüentemente quando se deseja a transformação gradativa de uma máscara. A técnica consiste em retoques ligeiros, após cada tomada, até atingir-se o estágio desejado. Tal processo foi empregado durante a realização do filme «Dr. Jekill end Mr. Heid», conforme poderá ser visto nas gravuras de «Les Truquages au Cinema».

Spencer Tracy no filme «Dr. Jekil e Mr. Hyde» («O médico o monstro»).



Alguns momentos após — emprêgo da maquilagem sucessiva, o dr. Jekyl transforma-se em Mr. Hyde.





O melhor filme do mês: «Os brutos também amam».



O melhor ator do mês: Van Helfin em «Os brutos também amam»



A melhor atriz do mês: Dolores del Rio em «Coração em Trevas».

FILMES

1º — «OS BRUTOS TAMBÉM AMAM» («Shane», Paramount), com 4 pontos, ótimo.

ATORES

1º — VAN HEFLIN em «Os brutos também amam».
2º — BRANDON DE WILDE em «Os brutos também amam».
3º — ALAN LADD em «Os brutos também amam».
4º — JACK PALANCE em «Os brutos também amam».

ATRIZES

1ª — DOLORES DEL RIO em «Coração em trevas».
2ª — INGRID BERGMAN em «A mulher que vendeu a alma».
3ª — CONCHITA MONTENEGRO em «A divina Salomé».
4ª — JEAN ARTHUR em «Os brutos também amam».

TÉCNICOS

Tôda a equipe de «Os brutos também amam». Diretor: GEORGE STEVENS; Fotógrafo: LOYAL GRIGGS; Músico: VICTOR YOUNG.



Hedy Lamar despiu-se em «Extase». Seu talento como interprete valeu-lhe a fama.



A robusta Jane Russel, está em pauta nos acontecimentos mais recentes — um bailado sensual.

ESCÂNDALOS em HOLLYWOOD

De MARIA LUIZA, exclusivo para A CENA

AS leis de moral que regem Hollywood são as mais paradoxais que se possam imaginar. Tal qual um elástico, elas podem se esticar até uma liberalidade pornográfica, ou se contrair ao mais estreito puritanismo. O motivo disso é muito fàcilmente explicável: numa indústria, até mesmo a moral é função das vantagens financeiras. Se um filme, ao ser proibido pelas autoridades eclesiásticas fôr automàticamente boicotado por boa parte do público, Hollywood recua. Se o veto da censura despertar a curiosidade do espectador, aumentando compensadoramente as receitas, Hollywood não respeita o sinal vermelho, e avança mesmo.

E, nesses últimos tempos, Hollywood vem abandonando a fachada de respeitabilidade há tantos anos adotada. A moda das «estrêlas» posando com a prole, com o fito de despertar



Marylin Monroe despiu-se para um fotógrafo; seu triunfo em Hollywood provocou sensação.

as simpatias dos Clubes Femininos do país, vai caindo. O maior sucesso feminino do ano foi Marylin Monroe apesar das condenações das Ligas Protestantes dos Estados Unidos que sôbre ela pesavam. A irritação dos puritanos só serviu para aumentar o cartaz da garôta. E a revelação de que a loura da Fox havia posado despida para uma folhinha deu maior impulso à sua carreira, o que certamente não aconteceria em 1934, ano em que o fanatismo puritano atingiu o auge nos Estados Unidos.

Outra «platinum blonde», Lila Leeds, não era mais do que uma «starlett» obscura até o escândalo que envolveu também o nome de Robert Mitchum. Atualmente, recém-saída da penitenciária, Lila voltou ao cinema na qualidade de «estrêla» de primeira grandeza. Seu primeiro filme da nova fase tem por tema o tráfico de estupefacientes e se intitula «Prazeres proibidos». Sucesso de bilheteria garantido . . .

Quanto a Bob «Maconha», nunca estêve em tanta evidência, requisitado por numerosos produtores. Sua atividade cinematográfica dobrou, assim como seu ordenado, e lá vai êle, causando sensação, cercado de uma fama de «lôbo mau» que causou impressão até em Marylin Monroe, segundo ela própria declarou. Uma personalidade, em suma. E Jane Russell, perturbadora reincidente das proibições do Código de Moral, quanto mais enrubesce os púdicos senhores do «Breen Office», mais prestígio adquire.

Já se foi o tempo em que o escândalo na vida privada de um «astro» refletia-se desfavoràvelmente em sua carreira. Também a interdição de um filme pelas Ligas de Decência pouca ou nenhuma influência tem na opinião pública. Geralmente verifica-se acorrência nas salas onde se exibem fitas que figuram na «lista negra» dos puritanos. Entramos atualmente, segundo as declarações do senil Adolph Zukor, na «era Marylin Monroe», onde o «sex-appeal» feminino, e a beleza masculina substituem perfeitamente qualquer manifestação artística num filme. Depois de mais de trinta anos, os dirigentes da indústria se apercebem de que a rigidez do Código de Produção lhes vem pisando os calos, e ousam protestar alto, como fizeram Samuel Goldwyn, F. Hugh Herbert, Howard Hughes, que pedem uma revisão do Código, e uma adaptação a moldes mais modernos e menos restritos.



Robert Mitchum: a maconha colocou-o mais em evidência.

Em meio aos protestos, só Cecil De Mille parece estar em paz com tudo e com todos. Pelo menos, é o que se pode deduzir de suas declarações. Crise? Boato! O cinema vai muito bem, obrigado. Vejamos o que diz o responsável por algumas das mais ôcas e insulsas obras de tôda a história da cinematografia: «O desenvolvimento brilhante do cinema, no decurso dêstes últimos anos, é a prova evidente de que a atração dos sexos, inteligente e honestamente tratada, surge como uma das maiores fôrças morais da nossa humanidade». Sem comentários . . .

Mas, voltando aos «protestantes», o motivo de todo êsse barulho é a concorrência perigosa do filme europeu no mercado internacional. E Hollywood contrata pequenas de «boa frente», robustas e saudáveis, para encarar a crise, ameaçadcramente negra, esquecendo-se de que nem só de Pampanini vive o cinema italiano, mas também de algo que a usina hollywoodiana dificilmente produzirá se continuar seguindo a orientação atual, algo como um De Sicca, por exemplo.

Para fugir à crise tenta Hollywood romper os grilhões da censura que acorrentam seu cinema por quase três décadas. As atitudes vampirescas de Theda Bara, que tanto incomodaram os puritanos em 1914, hoje só servem para provocar o riso, e nos pareceriam grotescas, mesmo numa comédia. Se as armas de sedução evoluíram, o mesmo não se deu com o Código de Moral que rege Hollywood, ainda hoje, em princípio, o mesmo de trinta anos passados.

Em 1909 as audácias do cinema provocaram as primeiras represálias da Federação das Igrejas e dos Clubes Femininos de Nova York, que determinaram o fechamento das salas de projeção como medida salutar para a preservação dos bons costumes. Apesar do prejuízo financeiro que tal atitude representava para a indústria, Hollywood não mudou suas diretrizes. Os meneios de Theda Bara mexeram com muitos púdicos, e, depois, as cenas de amor de Valentino, que muitas vêzes culminavam com uma dentada na orelha da «leading lady», as de Garbo e John Gilbert, de John Barrymore e Mary

ESCÂNDALOS em HOLLYWOOD



Errol Flynn, várias espôsas, muitas dívidas, amante do álcool: bóia de luz apagada (temporàriamente).

Astor deixaram êsses senhores rubros de pejo e indignação. Surgiram diversos projetos propondo estabelecr uma Comissão Federal de Censura, que não tiveram futuro, até que o escândalo em que se envolveu o famoso comediante Chico Bóia, deu fôrça aos puritanos. Como se sabe, durante uma das freqüentes orgias na residência do ator, foi uma mulher assassinada. O verdadeiro autor do crime nunca se scube; mas o incidente arruinou a carreira do gordo comediante que não mais conseguiu trabalho em Hollywood.

Sob a impressão dessa tragédia, a Hollywood chegou Will Hays, então ministro das Comunicações em Washington, a fim de presidir a Motion Picture Association of America, que agrupava tôdas as firmas produtoras. Hays acreditava-se destinado à missão de moralizar Hollywood. Juntamente com um jornalista, Martin Quigley, e um padre jesuíta, Daniel Lord, Hays elaborou um Código de Moral conhecido como «Códigc Hays». Êsse produto de fanatismo puritano estava, segundo seus autores, baseado nos 10 mandamentos, e em outros tantos princípios cívicos, com interdições destinadas a não ferir os sentimentos nacionais dos americanos. O Código determinou uma divisão drástica entre o Bem e o Mal; nunca a simpatia do público podia ir para o crime ou os amôres ilícitos. As cenas de paixão só podiam ser sugeridas, e a nudez das crianças era inteiramente proibida. O amor entre raças diferentes não é de nenhum modo permitido, a fim de não empanar o brio nacionalista ianque. É interessante notar que não existe no Códigc nenhum artigo concernente à apresentação de cenas de violência. Essas, de uma ferocidade inaudita e de um sadismo bestial, são permitidas contanto que seja o herói bonzinho que inflija o cruel tratamento ao vilão, e que seja êste punido no fim do filme.

A Will Hays sucedeu, em 1930, Joseph Breen, um ex-jornalista, a que se deve outro órgão censor, o «Breen Office», órgão de censura preventiva.

Enquanto se multiplicavam os censores, o bom comportamento dos «astros» influía diretamente em seu sucesso. O processo de divórcio de Carlitos contra Lita Grey resultou em um escândalo e quase destruía a carreira do grande cineasta. As calúnias engendradas por Lita Grey e pela maquiavélica sogra de Chaplin conseguiram levantar contra êle uma onda de protestos por todo o país. Queriam impedi-lo de continuar seu trabalho. Mas a genialidade de «O circc» foi uma resposta à altura, que triunfou da frieza e indiferença com que os puritanos pretendiam acolher a obra.

Errol Flynn, protagonista de assíduos escândalos, quase teve seu prestígio abalado por isso. Entretanto, êsse menino bonito e estróina era um sucesso completo como galã, e sua carreira de sedutor continuou a mesma, na tela e fora dela.

Já Simone Simon deu-se mal. Depois de uma série de desempenhos de valor no cinema americanc, Simone incorreu na ira das moralistas senhoras dos Clubes Femininos, que obrigaram-na a deixar os Estados Unidos e regressar à França. A razão disso é que, numa terra onde se casa e descasa como se muda de camisa, a atriz não procurou ocultar o fato de que tinha um amante, chegando a presentear seu eleito com a chave de seu apartamento fundida em ouro. Não se sabe se o que chocou as senhoras foi a franqueza ou o desperdício da «estrêla». O fato é que, dc ponto de vista artístico, a mudança conseqüente da expulsão nem tanto mal lhe fêz . . .

Hoje, a ccisa está mudada. A intransigência dos puritanos continua a mesma, mas sua influência diminuiu consideràvelmente. E as decisões do «Breen Office» divertem muita gente. As últimas da censura foram recusar o visa a «The moon is bleu» e «Cease fire». No primeiro, as palavras «virgem» e «grávida» feriam os sensíveis ouvidos dos censores; o segundo, porque os soldados usavam, no fronte, um linguajar pouco elegante . . .

Hollywood reage contra êsse estado de coisas, sendo mesmo muito provável que consiga seu intentc, da modificação do Código cra em vigor. Esperemos que a reação não fique apenas aí. Para vencer a crise, Hollywood deve lutar para levantar o nível qualitativo de suas películas, presentemente tão baixo, e não se esquecer de que «os bons sentimentos não bastam para fazer bons filmes. Nem os maus».

O AMOR ENTRE UM JOVEM PAR

De H. ANDERSEN, exclusivo para A CENA

O par já é conhecido do público teatral do Rio, da temporada que efetuou no Teatro de Copacabana. François Périer já é velho conhecido das platéias de cinema no Brasil, através de um grande filme de Marcel Carné: «Hotel do Norte». Para os que se lembram do belo filme, vale a pena frisar que Périer encontrou uma sutil composição para viver um rapaz de costumes duvidosos. Em «Cartas de amor», ao lado de Odette Joyeux, houve uma nova e feliz oportunidade de viver um personagem romântico e, assim, tornou-se um tipo de galã diferente.

Em «Sylvie», não exibido no Brasil, Périer continua a sua série de atuações de sucesso. Em «O silêncio é de ouro» é o jovem enamorado que rouba de Chevalier o seu último afeto — uma provinciana. Veio o «climax» da carreira quando Jean Cocteau realizou «Orfeu», para muitos a sua obra-prima, onde Périer teve uma das suas maiores atuações.

Marie Daems, sua espôsa, ainda não é muito conhecida dos brasileiros. O casal mora numa bela casa em Neuilly, perto do Sena. A família é composta de Jean Marie, Jean François e Anne-Marie, todos do primeiro casamento de François Périer. Ainda há o companheiro das crianças, um cachorro que tem o interessante nome de Yaourt. Com Yaourt as três crianças gostam de brincar, enquanto os dois atores se ocupam com as suas vitoriosas carreiras.

A casa é um retrato dos proprietários: misto de realidade e fantasia. Há um belo jardim, que contrasta com as paredes alvas da casa e quando há sol as côres se animam e há um brilho especial, que emoldura a felicidade do jovem casal. No interior, as paredes se recobrem de prateleiras cheias de livros, pois Périer gosta de ler e sabe escolher os autores, tanto franceses como estrangeiros e suas preferências não se limitam a uma época, a uma corrente ou escola literária.

A pintura também constitui uma atração para o dono da casa e já aí sua preferência recai sôbre pintura moderna. As telas que guarnecem as paredes pertencem sòmente ao modernismo. Um belo relógio, que tem os algarismos substituídos por borboletas é outra peça de estimação do casal.

Num dos ângulos do salão há um grande viveiro onde muitos pássaros cantam, e Périer conta que os trouxe de Dakar, mas que em Paris perderam o brilho de sua plumagem.

Uma escada vai do vestíbulo aos quartos onde a sobriedade e o bom gôsto são o espelho dos espíritos dos donos. No jardim as crianças brincam e entre gritos e risos organizam-se as brincadeiras. Périer está por vêzes presente, e



O amor entre um jovem par: François Périer e Marie Daems.

não é sempre o menos turbulento! François Périer tem um gôsto especial pelo exotismo. Alguns adornos da casa traem essa sua preferência. É um pai exemplar e gosta de fazer recomendações quando os seus filhos partem para a escola. Périer nasceu em Paris em 1919. Casou-se pela primeira vez com Jacqueline Porel, neta da famosa Réjane, aluno de teatro de René Simon. Em 1937 no Conservatório teve como mestre André Brunot. Em onze anos trabalhou 3.500 vêzes em peças diversas. Dizem que pode fazer o advogado generoso, um provador, sedutor, um fracassado ou mesmo um desesperado — um verdadeiro monstro de cêra, que pode ser trabalhando ao acaso e tornar-se as mais diversas figuras.

Com um ar de seminarista, tendo à volta dos olhos olheiras essa figura é de uma plasticidade luciferiana. Um dos seus papéis mais interessantes no teatro é o do parisiense típico da peça «Paris, mon grand père», cujo personagem sofre vicissitudes através da História e dos tempos.

Gostando de viajar, François e Marie percorreram 18.000 quilômetros na França, Bélgica, Suíça, Brasil e Africa do Norte e já atravessaram o Mediterrâneo quatro ou cinco vêzes.

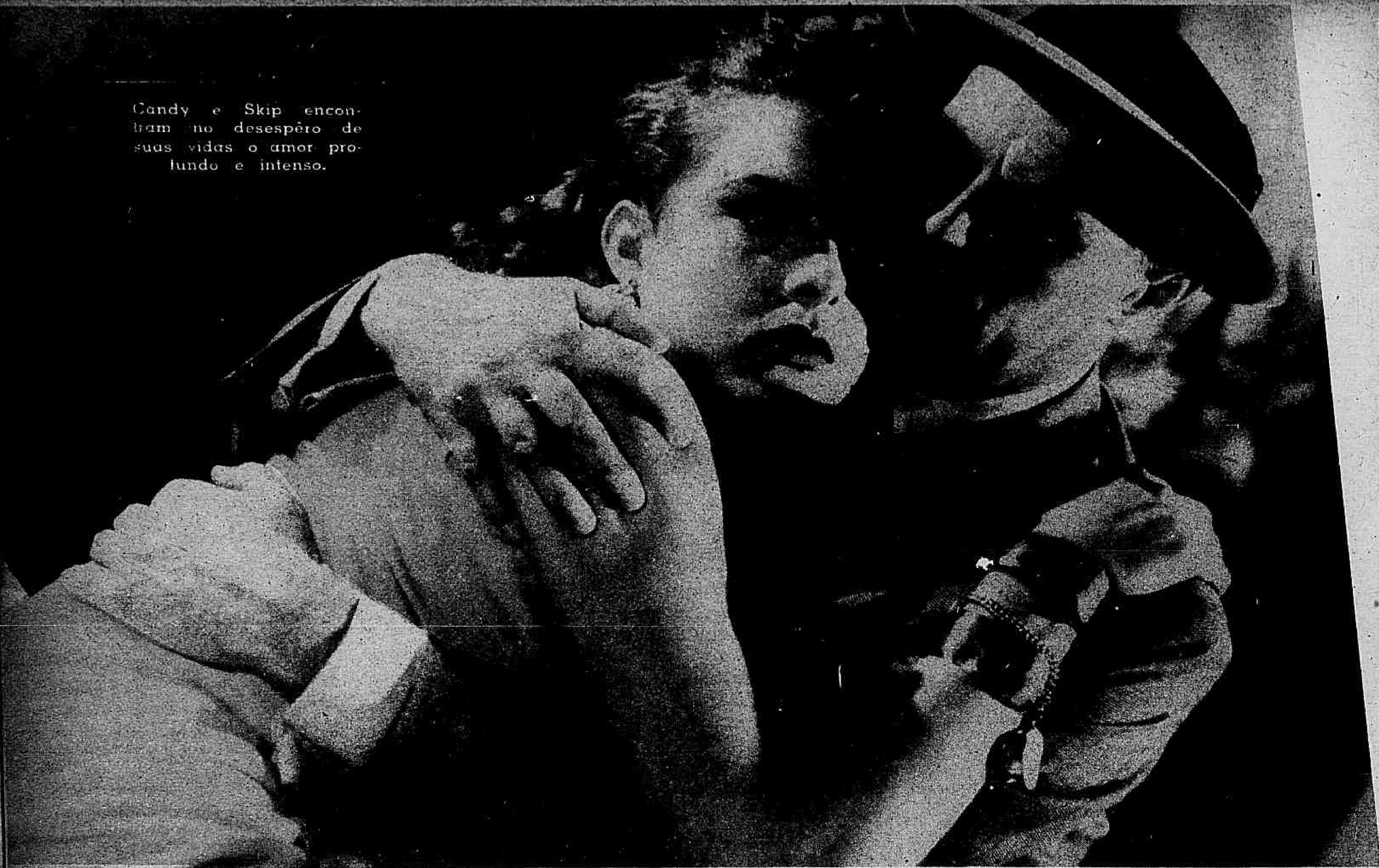
Voltam entretanto sempre alegres para o lar e quando pensam em descansar um pouco em Paris, de tão longa viagem, a secretária os aguarda encarregada de transmitir-lhes múltiplas missões que os esperam. O telefone funciona e . . . adeus descanso.

E assim vivem procurando dividir o tempo entre a vida do lar e a carreira artística e esta última absorve maior parte da existência dêste jovem e feliz casal.





Danny Robin e François Périer


Candy e Skip encontram no desespêro de suas vidas o amor profundo e intenso.


O amor a Skip faz com que Candy impeça que Joey o mate.

NOVELA DAS IMAGENS

ANJO do MAL

FICHA TÉCNICA E ELENCO:

Produção
TWENTIETH CENTURY FOX

Direção
SAMUEL FULLER

Argumento
SAMUEL FULLER

Baseado numa história de
DWIGHT TAYLOR

Produtor
JULES SHERMER

PRINCIPAIS INTÉRPRETES:
RICHARD WIDMARK, JEAN PETERS e THELMA RITTER



Vinte e cinco mil dólares exige Skip de Candy pela devolução do filme.

Nas ruas de Nova York passeia despreocupadamente "Candy", pseudônimo de uma jovem de má reputação. Leva na carteira um rôlo de microfilmes que contém, sem que ela o saiba, documentos importantíssimos para a sgurança do Estado Norte-Americano. Portanto, participa de um "complot", engendrado por um bando de espiões comunistas que encontram nesta infeliz vítima da sociedade, um elemento fácil de se manipular. Se ela fôsse advertida do perigo que corria provàvelmente não serviria aos interêsses de Joey, o espião.

Skip McCoy, um batedor de carteiras profissional encontra em "Candy" uma vítima fácil. Não sabe, porém, que esta está sendo seguida pela polícia que deseja descobrir a quadrilha. "Candy", quando nota ter sido assaltada, leva o fato ao conhecimento de Joey. Êste desespera-se e implora-lhe que descubra o ladrão entre seus antigos companheiros de "bas-fond" e ofereça a êle a quantia de 500 dólares a fim de que êle devolva o filme.



«Não o mate, não o mate», implora Candy a Joey.

Naquela noite, quando Skip volta à sua casa, um quarto miserável, encontra tôdas suas coisas fora do lugar. A princípio supõe-se tratar de uma batida policial. Logo descobre "Candy" que procurava frenèticamente as fotografias. "Candy" pede a Skip que lhe devolva o filme alegando que o mesmo continha fotos de seu irmão que estava na Coréia. Ela desconhecia ainda o verdadeiro conteúdo do filme. Skip a beija; entre os dois nasce uma simpatia mútua. "Candy" volta sem o filme e conta a Joey do insucesso de sua missão. Joey diz a "Candy" que volte e faça a proposta de 500 dólares. "Candy" volta a encontrar Skip. Oferece-lhe 500 dólares, êste retruca que o risco grande é muito mal remunerado. Exige 25.000 dólares. Êle conhecia portanto o conteúdo do filme e adverte "Candy", não acreditando que a cooperação dela fôsse desprovida de qualquer sentimento anti-nacional. Joey ao saber da decisão de Skip, resolve matá-lo.

"Candy", já então apaixonada por Skip, corre para avisá-lo do perigo que êste corre. Skip preparava-se neste momento para vender o filme comprometedor. "Candy" cai em brios, põe-lhe sem sentidos com uma garrafada na cabeça, apossa-se do filme leva-o à polícia dizendo que fôra Skip quem lhe mandara. O amor faz com que ela tome esta atitude, apenas o amor. Denuncia tudo que sabia a respeito de Joey. Joey para livrar-se de qualquer complicação procura fugir. Na fuga fere "Candy"; Skip que a acompanhava consegue dominar o chefe comunista.

No hospital "Candy" se restabelece dos ferimentos. Skip, livre das perseguições policiais, com um emprêgo que lhe assegura uma vida decente abandona o crime. Está a caminho de se tornar um honesto e feliz cidadão.



Após inúmeras peripécias das quais Candy resulta ferir-se, Skip promete regenerar-se.



A jovem e bela Guyerati, prometida a Mauro.

NOVELA DAS IMAGENS
LUTA DE ALMAS

O padre Santiago Hernandez, jovem sacerdote nascido em Costela, chega ao povoado de Kattinga, na Índia, onde tem de substituir um outro missionário espanhol, o padre Daniel Furtado. Pouco depois morre êste vítima de malária. Antes de morrer, entrega ao padre Santiago um saquitel fechado no qual assegurava haver cinqüenta libras esterlinas, único capital de que dispõe a Missão, pelo que só deveria fazer uso dêle em caso de necessidade angustiosa.

Mauro, um jovem indiano convertido ao catolicismo, apresenta-se ao padre Santiago em companhia de Rameni, o qual tem uma filha moribunda. Mauro assegura que se o missionário conseguir curar a moça, Rameni e tôda a família se batizarão. Os esforços do sacerdote resultam inúteis: a jovem indiana morre. Então Rameni sente ódio dos cristãos, começando pelo missionário e por Mauro. A êste proíbe casar-se com Guyerati, outra de suas filhas, apesar de já ter sido combinado o casamento.

Sandem é um cínico aventureiro que se dedica a fazer pequenos empréstimos para os indígenas, e quando êstes não lhe pagam, lhes impõe o trabalho em suas minas de manganês; uma espécie de terrível e lenta agonia. O padre Santiago vai ao lugar em que Sandem está reunido com suas vítimas e se compromete a pagar as dívidas dos indianos em troca da liberdade dêstes. Sandem, a contragôsto, aceita o acôrdo, mas não sem obrigar o sacerdote a assinar uma promissória que vence em três meses.

Modú, que é um jovem indiano ajudante do padre Santiago, expõe a êste seu desejo de ser sacerdote. O padre decide

FICHA TÉCNICA

Produtora	CHAPALO FILMES
Diretor	JOSÉ LUIZ SÁENZ DE HEREDIA
Estúdios	BALLESTEROS, S. A. (ESPANHA)
Distribuidora	OYAPOK FILMES

INTÉRPRETES:

Padre Santiago	FERNANDO FERNAN GOMEZ
Guyerati	SARITA MONTIEL
Sandem	HENRIQUE GUITART
Modú	RAFAEL ROMERO-MARCHENT
Mauro	ANTONIO ALMORÓS



Guyerati, noiva de Mauro, em breve se converteria ao catolicismo

entregar-lhe, do «tesouro intocável» da Missão, as quarentas libras que precisa para custear-lhe os estudos no seminário, Modu lembra-lhe que, se aceitar, o padre ficará à mercê da cobiça de Sandem. Renuncia, pois, ao oferecimento; e um dia, sem dar aviso a ninguém, encaminha-se para as minas de manganês a fim de obter o dinheiro à custa de um trabalho terrível e aniquilador.

Mauro, para que Rameni consinta que êle se case com a filha dêle, Guyerati, decide abjurar a fé cristã. Durante algumas semanas afasta-se do templo e do missionário. Mas ao chegar o Natal, sua fé renasce, abrasa misteriosamente seu coração e êle acorre à Igreja, onde ajuda a Santa Missa. Êste retôrno, êle o sabe bem, implica na renúncia ao matrimônio com Guyerati. Mas arrisca tudo diante da chamada de Deus, que escuta em sua consciência.

Os «khondos» da tribo dos pântanos chegam a Kattinga fugindo da epidemia que assola o povoado. Com êles vem Modú, extenuado pelo trabalho e meio morto sem ter ainda conseguido reunir o dinheiro necessário. Também chega Sandem com vários subordinados seus. Sandem quer que o acompanhem até a casa do padre Santiago, do qual pensa exigir imperiosamente o pagamento da dívida; mas os outros negam-se e tramam uma revolta contra êle, para tirar-lhe a vida e ficar com a mina.

Sandem descobre a cilada que lhe preparavam os seus e se apresenta repentinamente no acampamento. Trava-se um tiroteio em que vários morrem e Sandem fica ferido. O padre Santiago vai em seu auxílio e entrega-lhe o saquitel contendo o dinheiro da Missão. Então o aventureiro ao perceber os interêsses e a abnegação do missionário, abre os olhos à verdade de Cristo, arrepende-se de seus muitos pecados e morre confortado com os sacramentos.

A epidemia generaliza-se e causa vítimas em Kattinga. O padre Santiago, incansável e heróico, vai de casa em casa levando medicamentos e consôlo. Rameni cai também atacadc pela peste. O missionário visita-o e, vencendo sua resistência, lhe prodigaliza cuidados que salvam sua vida. Nesse ínterim, o feiticeiro exorta os indus pagãos a queimar o templo — onde o padre acolheu a multidão de enfermos — alegando que poderia estender o contágio.

Os pagãos acorrem em massa à residência. O padre Santiago, atacado também pela epidemia, jaz no leito; mas levanta-se e expõe aos indígenas sua decisão firme de não retirar os enfermos da igreja. Nessa emergência aparece Rameni, que dispersa a chicotadas os pagãos. O amor do missionário venceu o ódio de Rameni e êste ingressa na comunidade cristã, prometendo solenemente ao padre Santiago que permitirá que sua filha Guyerati se case com Mauro.

O padre Santiago, moribundo, entrega a Modú o saquitel com fundos da Missão e lhe diz que o abra. Modú o faz e comprova, emocionado, que no saquitel não há dinheiro, mas tão sòmente um papel que diz: «O mesmo que possuir 50 libras é ter fé em Deus e em que se têm 50 libras». Modú não se atreve a dizê-lo ao padre e responde a sua pergunta: «Não se preocupe padre. Há mais, muito mais que 50 libras». O missionário expira e sua alma, do alto dos céus, contempla sua semente convertida em messe gloriosa.

O ambiente indu é retratado no filme «Luta de Almas».



Rameni dispersa os pagãos a chicotadas.



Sandem, cruel explorador dos indígenas, viu-se repelido pela sociedade.



No momento de morrer, Sandem recebe os sacramentos.



NO "BALLET" DO IV CENTENÁRIO

De JONALD, exclusivo para «A CENA»





Representando os valores noves que despontam, com muito talento, eis Yara Von Tresler a quem recentemente, o «Correio da Manhã» distinguiu com justos elogios.

Ady Addor, já consagrada como excelente solista do Municipal do Rio e uma das primeiras figuras do «Ballet do Centenário».

Edith Pudelko, primeira bailarina do elenco, «maitre-auxiliar» e uma das legitimas capacidades do «ballet» nacional.



Causa acentuada emoção o fato de estar bem próxima a inauguração do "Ballet" do IV Centenário. Há dias, atendendo a gentil convite do Maestro Milloss, "maitre de ballet", coreógrafo de grande renome internacional e diretor artístico do mesmo, fui assistir a um dos ensaios. Aliás, trabalha-se muito na já bem eficiente organização. Aulas pela manhã e ensaios diários, das seis da tarde às nove da noite. Os resultados, embora a estréia venha a ter lugar sòmente em julho, são os mais lisonjeiros possíveis. Na noite em que tive a satisfação de presenciar um tão louvável crescimento da nossa arte, ensaiou-se "Bolero". Trata-se de uma coreografia mundialmente consagrada. A impressão que causa é extraordinária e podemos assegurar que será um dos grandes sucessos da temporada. Através da sábia orientação de Milloss o conjunto do "IV Centenário" adquiriu harmonia rítmica. E, outro aspecto importante. Os seus 60 elementos levam a arte a sério, com a compenetração de espírito profissional. Desta maneira, fácil será avaliar o quanto de benéfico já produziu entre nós a estada do competente Maestro Milloss.

Eis os diversos dados que colhi com o maestro em tôrno de minúcias dos vários espetáculos oficiais. E espera-se que a tão valiosa série de espetáculos venha também a ser apresentada no Rio, para alegria da elevação cultural do país.

Alzira Matar, ao lado de ...., outro sensível valor entre as solistas.



1.º PROGRAMA

Passacaglia — Hino coreográfico de Aurélio M. Milloss sôbre a música homônima de Johann Sebastian Bach. Coreografia de Aurélio M. Milloss. Décor e costumes de Cândido Portinari. **Criação absoluta**.

Pétrouchka — Cenas burlescas em 4 quadros, de Alexandre Benois e Igor Strawinsky. Música de Igor Strawinsky. Nova versão coreográfica de Aurélio M. Milloss. Décors e costumes de Roberto Burle-Marx. **1.ª vez no Brasil**. (Execuções anteriores em Budapest, Roma, Milão, Veneza, Polônia, Viena, Dresde, Berlim, Buenos Aires).

Insdiscrições — Alinhavos coreográficos de Eduardo Anahory e Aurélio M. Milloss sôbre uma música ("Divertissement") de Jacques Ibert. Coreografia de Aurélio M. Milloss. Décor e costumes de Eduardo Anahory. **Criação absoluta**.

Fantasia Brasileira — "Ballet" de Souza Lima e Aurélio M. Milloss. Música de Souza Lima. Coreografia de Aurélio M. Milloss. Décor e costumes de Noêmia Mourão. **Criação absoluta**.

2.º PROGRAMA

No vale da Inocência — "Ballet" concertante de Aurélio M. Milloss sôbre uma música ("Divertimento" 131) de Wolfgang Amadeus-Mozart. Coreografia de Aurélio M. Milloss. Décor e costumes de Quirino da Silva. **Criação absoluta**.

O Mandarim Maravilhoso — Drama coreográfico de Menyhért Lengyel. Música de Béla Bartók. Coreografia de Aurélio M. Milloss. Décor e costumes de Lazar Segall. **1.ª vez no Continente Sul-americano**. (Execuções anteriores em Milão e Roma).

Lenda do Amor Impossível — "Ballet" mísco de Emiliano Di Cavalcanti. Coreografia de Aurélio M. Milloss. Décor e costumes de Emiliano Di Cavalcanti. **Criação absoluta**.

Loteria Vienense — "Ballet" satírico em 2 quadros de Aurélio M. Milloss sôbre várias músicas de Johann Strauss. Coreografia de Aurélio M. Milloss. Décors e costumes de Aldo Calvo. **1.ª vez no Continente Sul-americano**. (Execuções anteriores em Milão e Roma).

3.º PROGRAMA

As Quatro Estações — Ballet da ópera "I Vespri Siciliani". Música de Giuseppe Verdi. Coreografia de Aurélio M. Milloss. Décor e costumes de Irene Ruchti. **1.ª vez no Continente Sul-americano**. (Execuções anteriores em Roma, Milão, Viena).

Uirapuru — Poema coeográfico em 1 ato. Argumento e música de Heitor Villa Lobos. Nova versão coreográfica de Aurélio M. Milloss. Décor e costumes de Clóvis Graciano. **1.ª Execução mundial da atual versão coreográfica e cenográfica**.

O Guarda-Chuva — Comédia coeográfica de Osvaldo de Andrade Filho. Música de Francisco Mignone. Coreografia de Aurélio M. Milloss. Décor e costumes de Heitor dos Prazeres. **Criação absoluta**.

Bolero — Drama coreográfico de Aurélio M. Milloss sôbre a música homônima de Maurice Ravel. Coreografia de Aurélio M. Milloss. Décor e costumes de Osvaldo de Andrade Filho. **1.ª vez no Brasil** (Execuções anteriores em Roma, Milão, Florença, Torino, Gênova, Palermo, Buenos Aires).

4.º PROGRAMA

Deliciae Populi — Diversão coreográfica em 5 movimentos de Aurélio M. Milloss sôbre uma música ("Scarlattiana") de Alfredo Casella. Coreografia de Aurélio M. Milloss. Décors e costumes de Tomás Santa Rosa. **1.ª vez no Brasil**. (Execuções anteriores em Paris, Estocolmo, Buenos Aires, Roma, Florença).

Sonata de Angústia — "Ballet" de Aurélio M. Milloss sôbre uma música ("Sonata para 2 pianofortes e instrumentos de percussão") de Bela Bartok. Coreografia de Aurélio M. Milloss. Décor e costumes de Darcy Penteado. **Criação absoluta**.



O maestro Aurélio Milloss que confirmou no Brasil a sua bela fôlha de serviços prestados ao «ballet» mundial.

Caprichos — Burrealismos coreográficos de Aurélio M. Milloss sôbre músicas de "Deux petites Suites" de Igor Strawinsky. Coreografia de Aurélio M. Milloss. Décor e costumes de Toti Scialoja. **1.ª vez no Continente Sul-americano**. (Execuções anteriores em Roma).

Cangaceira — Retrato coreográfico de Camargo Guarnieri, Flávio de Carvalho e Aurélio M. Milloss. (em forma de "Tema com Variações") de Camargo Guarnieri. Coreografia de Aurélio M. Milloss. Décor e costumes de Flávio de Carvalho. **Criação absoluta**.

Lia Marques, outra das distinguidas como uma das primeiras figuras, é também, «estrêla» da TV bandeirante.





«Viva Villa», a «reprise» que vem causando sensação.

CARTAZES em Revista

Orientação crítica de JONALD, L. BOLTSHALSER, H. ANDERSEN e SANIN ★ Em São Paulo: C. MAXIMIANO

Cotações de A CENA (de 0 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco; ½ — detestável; 0 — inqualificável.

LANÇAMENTOS NO RIO

«REPRISE»

4 — "VIVA VILLA"

Decidiu-se a Metro em reapresentar êste épico que, há longos anos, aguardava a sua «reprise» no Rio. Porém, considerou que a película interessava apenas a determinado público e, assim, a volta do ótimo filme de Jack Conway se fêz em caráter de «bólide» (Cine Ideal! . . .). Entretanto, os entusiastas que estavam solicitando a película no «Concurso de Reprises» (vide página 13) ainda poderão assistir nos bairros. O filme não tem caráter decididamente histórico. Na forma habitual, foram tomadas liberdades, particularmente com o verdadeiro caráter de Pancho Villa. Apesar de um admirável desempenho, não foi imposta a Wallace Beery uma linha interpretativa de acôrdo com a figura evocada. Entretanto, como forma cinematográfica o filme tem excelentes qualidades. A vibração do ritmo é simplesmente notável até o trecho da vitória da revolução e subida ao trono de Madero. A seguir, por algumas seqüências, o roteiro perde um pouco da fôrça, com certas situações arranjadas. Também a vilania do general, interpretado por Joseph Schildkraut, foi um tanto acentuada. Porém, a narrativa recobra, pouco depois, com os preparativos do «climax» a intensidade do seu conjunto geral. Jack Conway orientou com vigor, notadamente nos trechos de grandes massas humanas. Wallace Beery em impressionante criação. Schildkraut não foi contido por Conway. Leo Carillo está esplêndido no matador. Fray Way, célebre figura do cinema silencioso, no ocaso da carreira, recebeu um papel sem margem. Mischa Auer tem uma pequena «ponta» e todos os demais participantes agradam muito. Vale a pena assistir ou rever o famoso «Viva Villa».

3 — "MELBA"

Minuciosamente criticado na A CENA 12, entre as «80 Pré-Estréias do Festival Internacional de S. Paulo». Direção eficiente e agradável de um grande diretor: Lewis Milestone. Mesmo fora do seu gênero o desenrolar satisfaz. O excesso de trechos de ópera, particularmente no têrço final do filme, constituiu um defeito de roteiro. Reconstituições faustosas e preciosas de outras épocas, em Londres (impressionante o «Covent Garden Opera House»), Paris, etc. Linda voz em Patricia Munsel, evocando a carreira da célebre Melba. O nível interpretativo é apreciável, mas sem nada de extraordinário.

2 ½ — "O MALABARISTA"

Desta vez a narrativa tem como cenário o próprio Israel, para onde técnicos e artistas se locomoveram para filmagens «in locum». Kirk Douglas, um dos mais eficientes atores de Hollywood, tem o principal papel, e sua interpretação é por certo um dos pontos meritórios desta fraca película. Conduz-se de maneira correta desde as cenas iniciais (apesar de ser defeituosamente delineado pelo «script» o personagem Hans), até as cenas onde maquilado faz um malabarismo meio palhaço, atração dos teatros alemães de antes da guerra. Entretanto, a narrativa cinematográfica, com um ritmo interior falho, dá ao espectador uma sensação de monotonia já que a ação não traz quase nenhum interêsse a não ser em seqüências isoladas. Assim, Dmytryk, um dos grandes diretores de Hollywood, com uma lista de obras cinematográficas elogiável, talvez não podendo vencer o desinterêsse desta novela transportada para o cinema, oferece-nos uma película apenas razoável. A música nem sempre acompanha o sentido das imagens ou da narrativa. Paul Stewart, outro excelente ator americano, quase nada tem a fazer. «The Jugler», produção de Kramer, estreou no cinema Pathé.

2 ½ — "A ENCRUZILHADA"

Este é um dos filmes mais irregulares que se tem apresentado em nossas telas. Provindo da Itália, é portanto lavrado dentro do estilo neo-realista da primeira fase desta escola, quando o tema de «O Bandido» fazia sua estréia sensacional nos cinemas. Não se privou o filme de uma influência, bastante acentuada, do filme de «gangster» norte-americano, não só no conteúdo como também na forma. A película, se bem que tenha um início louvável, pleno de «suspense», lançando o espectador, como num impacto emocional intenso, dentro da trama, cai sucessivamente, procurando caminhos que levam à monotonia. A idéia, a transformação psicológica da personagem central (Raf Valone), que procura o caminho da regeneração, é inadequadamente explorada, dentro de uma história, por assim dizer, acessória. Nos instantes finais, recobra o filme a sua intensidade anterior, atingindo um «climax» de alto valor dramático na cena em que Raf Valone contracena com Charles Vanel (em grande «performance») na delegacia. Louve-se, entretanto, a fotografia, de grande qualidade, de Renato del Frato, que ambienta a ação e que soube explorar, com matizes de claro-escuro, os «decores» que fazem lembrar, em sua construção, os do filme «Terceiro Homem». Louve-se, também, a música de Carlo Rusticheli, precisa e correta, contribuindo com eficiência para a caracterização dos personagens. Quanto à interpretação, restrições cabe fazer ao desempenho de Raf Valone. Note-se, entretanto, que a escolha adequada e criteriosa dos tipos muito contribuiu para a caracterização dos personagens. Temos, assim, num plano de correção geral, Claudine Dupuis, Saro Urzi, Carlo Sposito, Franco Navarra e outros. Título original: «Il Bivio», lançamento da Art Films no cinema Rivoli e circuito.

2 ½ — "CABELEIREIRO DAS ARÁBIAS"

Mario (Fernandel) era um tosquiador de carneiros que, por analogia profissional, resolveu ser cabeleireiro. Assim das lãs passa aos cães que os enfeita para os concursos caninos, não se furtando aos rabos de cavalos para as exposições agro-pecuárias e, não tendo escrúpulos, em passar dos animais à cabeleira das marquesas. O filme, como tôda a película francesa de «primavera», não se priva de malícia, desta vez com excessos, o que o recomenda para um determinado público. Procura,

«O Malabarista», com Kirk Douglas, da Columbia.



no final, justificar-se com um «fundo moral», alegando que a felicidade reside com a simplicidade, num mesmo lar, onde um orçamento equilibrado dê à mesa bom vinho e boa sopa. Apesar destas restrições, justiça seja feita, a película é realmente engraçada. O arrivismo masculino é criticado e apresentado com bom desenvolvimento cinematográfico se bem que, por vêzes, com cenas que ultrapassam o limite: cenas que não se fazem absolutamente necessárias e que, retiradas, conservariam a trama em um prisma mais sadio. Um numeroso elenco proporciona-lhe boa qualidade interpretativa. Entre êles encontramos Fernandel, com excelente trabalho, conseguindo, com suas mãos eloqüentes, construir realmente um cabeleireiro com tôdas as minúcias; Blanchette Brunoy, em Aline, discretamente correta; Renée Devillers, Arlette Poirier, Françoise Soulie e outros, atuam todos com correção. A fotografia, sem maiores relevos ou contrastes, apenas funciona, sem entretanto ser mais expressiva. Ritmo homogêneo e peculiar à comédia não permite que o filme caia de interêsse em nenhum momento, a música faz-se presente. Título original: «Coiffeur pour Dames», lançamento da Art Films no cinema Vitória e circuito.

2 — "A LOUCA"

Durante o transcurso do Festival Internacional, na única cobertura completa efetuada no Brasil, o filme mereceu ampla análise na A CENA nº 10. O que o filme tem de bom é o trabalho de Libertad Lamarque, em excelente atuação. A atriz fugiu ao «hokum» mas o mesmo não o pôde fazer o diretor Miguel Zacarias, acentuando o lado mórbido do tema. Comercialmente o filme rendará muito.

1 — "BONITA E AUDACIOSA"

História frágil de uma milionária que resolve «bancar» Papai Noel numa cidade do interior, provocando involuntàriamente inúmeros transtornos, inclusive uma nova «corrida do ouro», e incorrendo assim na irritação do médico que ela pretende conquistar. No final, fica tudo arranjadinho em seu lugar, terminando o filme tão insulso quanto seu desenrolar. É comédia romântica, mas é raro ver-se um romance tão sem graça ou uma comédia tão pobre. Como diversão, entristece profundamente o espectador. Lamentável o desperdício de um talento como o de Jean Simmons em películas dêsse nível. Ela se esforça, mas nada consegue retirar do papel. E a direção de Lloyd Bacon é inexistente. Robert Mitchum cada vez mais sonolento e «canastra». Arthur Hunnicut é um garôto enjoadinho. Entretanto, alguns dos coadjuvantes compõem silhuetas interessantes. Em resumo, «Bonita e audaciosa» é um filme vazio inteiramente e desinteressante como só êle. Título original: «The couldn't say no», produção RKO Radio, exibida no circuito do Plaza.

1 ½ — "IMPÉRIO DO PAVOR"

Muitos tiros, muito sangue, muitas mortes. Até aí, nada de novo. E a direção de Bud Boetticher não acrescenta nenhum valor especial. É mais um «western» que prima pela violência, e consegue se destacar nesse setor apesar da dura concorrência com as outras produções do gênero. Ódio entre irmãos extravazado em cenas de sadismo típico, «cow punchers» estertorando-se em agonia são algumas das barbaridades que campeiam pelo filme. Um necrotério, em suma. A película é, entretanto, bastante movimentada, não faltando ação a tôda esta mortandade. O elenco é composto, em sua maioria, de intérpretes seguros. Robert Ryan, vilão desta feita, sempre correto. Julia Adams, Rock Hudson aparecem bem. O melhor é o excelente Raymond Burr, que se impõe numa aparição rápida. A fotografia em «technicolor» apresenta alguns bonitos exteriores. «Station west», uma produção Universal International lançada no Odeon e circuito.

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

SEMANA INICIADA A PARTIR DE 3 DE MAIO

«O MISTÉRIO DA CASA GRANDE» («Jamaica Run») — Paramount, em «technicolor», com Ray Milland e Arlene Dahl. Direção de Lewis R. Foster. (No Ipiranga).

«DEVOÇAO DE ASSASSINO» («The stranger in Between») — Produção inglêsa, com Dirk Bogarde e Kay Walsh. Direção de Charles Crichton. (No Ritz São João).

«INVASÃO DOS ESTADOS UNIDOS» («Invasion U.S.A.») — Columbia, com Gerald Mohr e Peggy Castle. Direção de Alfred L. Green. (No Oásis).

«O CARRASCO DE VENEZA» («Le Bourreau de Venize») — Art Films. Com Franca Marzi e Armando Francioli. Direção de Vittorio Cotafavi. (No Marrocos).

«BURLADA» — Filme mexicano, direção de Fernando Rivero, com Jorge Mistral e Guillermina Grim. (No Broadway).

JÁ EXIBIDOS NO RIO

«O VELEIRO DA AVENTURA» («Plimouth Adventure») — Metro, com Spencer Tracy e Gene Tierney. «Technicolor». (No Metro e circuito). Já comentado.

«AVENTUREIRO DO MISSISSIPI» («Mississipi Gambler») — Direção de Rudolph Maté, com Tyrone Power. (No Marabá e circuito). Já comentado.

«NOBRE INIMIGO» («Brave Warrior») — Com John Hall e Christine Larson. Direção de Spencer G. Bennett. (No Ópera).

EM "REPRISE"

«O PROSCRITO» («The Outlaw») — Produção e direção de Howard Hughes. Apresentação da RKO, no Art Palácio.

«A FAMÍLIA EXÓTICA» — Realizado por Marcel Carné, em 1937. A base é policial: um crime suposto. Da mesma classe dos policiais de Clouzot, e «Trágica inocência», de Deccin, e «Estranha coincidência», de Dreville. Como as citadas, esta crítica ao «policial», é obra-prima sob o ponto de vista da imaginação criativa, sutileza e inteligência. Curiosas interpretações de Michel Simon, Jouvet, Jean Louis Barrault, Françoise Rosay e de Jean Pierre Aumont. («Drole de drame», reexibida no Normandie).

PERMANÊNCIA EM CARTAZ

«O MANTO SAGRADO» — (5ª semana, no República) Fox.
«OS FILHOS DO AMOR» — (3ª semana, no Jussara) França Films.



«Guardas e Ladrões», com Totó e Aldo Fabrizi, a ser apresentado no Festival da Art Films.

PRÉ-ESTRÉIA DO FESTIVAL DA ART-FILMES

3 — «CIDADE DA PERDIÇÃO»

Pelo tema que aborda poderia resultar num libelo contra as deficiências da justiça, que deixa impunes os crimes dos grandes desta terra. Mas «Cidade da perdição» não toma uma atitude definida; aqui, acusa timidamente, para se retratar mais adiante. Protesta baixinho, e logo se cala, envergonhando-se do que deixou escapar. E assim vai, sempre indeciso, terminando com a imolação do inocente, num final que não apresenta a fôrça que dêle se deveria exigir. E, se como conteúdo humano ou social «A cidade da perdição» pouco vale, também sua forma cinematográfica deixa muito a desejar. Zampa usa uma câmara muito estática, abusa dos diálogos, e narra sua história num ritmo lento, arrastado, monótono. Esta, é um tanto inconsistente e confusa, cheia de assassínios, culpados, cartas anônimas e interrogatórios, apresentando detalhes de uma ingenuidade a tôda a prova, como a autoria da canção «Tradimento», servindo para indigitar um dos criminosos, o ourives que tem a composição por passatempo ... A acusação da justiça fica perdida assim num labirinto de situações, só vindo à baila algumas vêzes, e muito discretamente. Mas «Cidade da perdição» tem suas qualidades; Zampa consegue, por vêzes, criar um clima carregado, que pesa como as ameaças do sinistro sindicato do crime, muito propício ao desenrolar da história. No elenco, figuram os nomes de alguns dos melhores intérpretes do cinema italiano, todos em desempenhos excelentes: o notável Edoardo Cianelli, Nazzari, Paolo Stoppa, Dante Maggio ... Em plano inferior, Franco Interlenghi. Silvana Pampanini faz uma discreta aparição. O acompanhamento musical é magistral; interessante o efeito conseguido no instante da fuga do casal, após a descoberta do crime, quando à canção popular que serve de «leit-motiv» na partitura musical, se contrapõem acordes graves. «Processo alla città», uma produção Film Costellazione.



«Viva Villa», a «reprise» que vem causando sensação.

diretores de Hollywood, com uma lista de obras cinematográficas elogiável, talvez não podendo vencer o desinterêsse desta novela transportada para o cinema, oferece-nos uma película apenas razoável. A música nem sempre acompanha o sentido das imagens ou da narrativa. Paul Stewart, outro excelente ator americano, quase nada tem a fazer. «The Jugler», produção de Kramer, estreou no cinema Pathé.

2 1/2 — "A ENCRUZILHADA"

Este é um dos filmes mais irregulares que se tem apresentado em nossas telas. Provindo da Itália, é portanto lavrado dentro do estilo neo-realista da primeira fase desta escola, quando o tema de «O Bandido» fazia sua estréia sensacional nos cinemas. Não se privou o filme de uma influência, bastante acentuada, do filme de «gangster» norte-americano, não só no conteúdo como também na forma. A película, se bem que tenha um início louvável, pleno de «suspense», lançando o espectador, como num impacto emocional intenso, dentro da trama, cai sucessivamente, procurando caminhos que levam à monotonia. A idéia, a transformação psicológica da personagem central (Raf Valone), que procura o caminho da regeneração, é inadequadamente explorada, dentro de uma história, por assim dizer, acessória. Nos instantes finais, recobra o filme a sua intensidade anterior, atingindo um «climax» de alto valor dramático na cena em que Raf Valone contracena com Charles Vanel (em grande «performance») na delegacia. Louve-se, entretanto, a fotografia, de grande qualidade, de Renato del Frato, que ambienta a ação e que soube explorar, com matizes de claro-escuro, os «decores» que fazem lembrar, em sua construção, os do filme «Terceiro Homem». Louve-se, também, a música de Carlo Rusticheli, precisa e correta, contribuindo com eficiência para a caracterização dos personagens. Quanto à interpretação, restrições cabe fazer ao desempenho de Raf Valone. Note-se, entretanto, que a escolha adequada e criteriosa dos tipos muito contribuiu para a caracterização dos personagens. Temos, assim, num plano de correção geral, Claudine Dupuis, Saro Urzi, Carlo Sposito, Franco Navarra e outros. Título original: «Il Bivio», lançamento da Art Films no cinema Rivoli e circuito.

CARTAZES em Revista

Orientação crítica de JONALD, L. BOLTSHALSER, H. ANDERSEN e SANIN ★ Em São Paulo: C. MAXIMIANO

Cotações de A CENA (de 0 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 1/2 — ótimo e admirável; 3 e 3 1/2 — bom e muito bom; 2 e 2 1/2 — sofrível e regular; 1 e 1 1/2 — fraco; 1/2 — detestável; 0 — inqualificável.

LANÇAMENTOS NO RIO

«REPRISE»

4 — "VIVA VILLA"

Decidiu-se a Metro em reapresentar êste épico que, há longos anos, aguardava a sua «reprise» no Rio. Porém, considerou que a película interessava apenas a determinado público e, assim, a volta do ótimo filme de Jack Conway se fêz em caráter de «bólide» (Cine Ideal! . . .). Entretanto, os entusiastas que estavam solicitando a película no «Concurso de Reprises» (vide página 13) ainda poderão assistir nos bairros. O filme não tem caráter decididamente histórico. Na forma habitual, foram tomadas liberdades, particularmente com o verdadeiro caráter de Pancho Villa. Apesar de um admirável desempenho, não foi imposta a Wallace Beery uma linha interpretativa de acôrdo com a figura evocada. Entretanto, como forma cinematográfica o filme tem excelentes qualidades. A vibração do ritmo é simplesmente notável até o trecho da vitória da revolução e subida ao trono de Madero. A seguir, por algumas seqüências, o roteiro perde um pouco da fôrça, com certas situações arranjadas. Também a vilania do general, interpretado por Joseph Schildkraut, foi um tanto acentuada. Porém, a narrativa recobra, pouco depois, com os preparativos do «climax» a intensidade do seu conjunto geral. Jack Conway orientou com vigor, notadamente nos trechos de grandes massas humanas. Wallace Beery em impressionante criação. Schildkraut não foi contido por Conway. Leo Carillo está esplêndido no matador. Fray Way, célebre figura do cinema silencioso, no ocaso da carreira, recebeu um papel sem margem. Mischa Auer tem uma pequena «ponta» e todos os demais participantes agradam muito. Vale a pena assistir ou rever o famoso «Viva Villa».

3 — "MELBA"

Minuciosamente criticado na A CENA 12, entre as «80 Pré-Estréias do Festival Internacional de S. Paulo». Direção eficiente e agradável de um grande diretor: Lewis Milestone. Mesmo fora do seu gênero o desenrolar satisfaz. O excesso de trechos de ópera, particularmente no têrço final do filme, constituiu um defeito de roteiro. Reconstituições faustosas e preciosas de outras épocas, em Londres (impressionante o «Covent Garden Opera House»), Paris, etc. Linda voz em Patricia Munsel, evocando a carreira da célebre Melba. O nível interpretativo é apreciável, mas sem nada de extraordinário.

2 1/2 — "O MALABARISTA"

Desta vez a narrativa tem como cenário o próprio Israel, para onde técnicos e artistas se locomoveram para filmagens «in locum». Kirk Douglas, um dos mais eficientes atores de Hollywood, tem o principal papel, e sua interpretação é por certo um dos pontos meritórios desta fraca película. Conduz-se de maneira correta desde as cenas iniciais (apesar de ser defeituosamente delineado pelo «script» o personagem Hans), até as cenas onde maquilado faz um malabarismo meio palhaço, atração dos teatros alemães de antes da guerra. Entretanto, a narrativa cinematográfica, com um ritmo interior falho, dá ao espectador uma sensação de monotonia já que a ação não traz quase nenhum interêsse a não ser em seqüências isoladas. Assim, Dmytryk, um dos grandes

2 1/2 — "CABELEIREIRO DAS ARÁBIAS"

Mario (Fernandel) era um tosquiador de carneiros que, por analogia profissional, resolveu ser cabeleireiro. Assim das lãs passa aos cães que os enfeita para os concursos caninos, não se furtando aos rabos de cavalos para as exposições agro-pecuárias e, não tendo escrúpulos, em passar dos animais à cabeleira das marquesas. O filme, como tôda a película francesa de «primavera», não se priva de malícia, desta vez com excessos, o que o recomenda para um determinado público. Procura,

«O Malabarista», com Kirk Douglas, da Columbia.



no final, justificar-se com um «fundo moral», alegando que a felicidade reside com a simplicidade, num mesmo lar, onde um orçamento equilibrado dê à mesa bom vinho e boa sopa. Apesar destas restrições, justiça seja feita, a película é realmente engraçada. O arrivismo masculino é criticado e apresentado com bom desenvolvimento cinematográfico se bem que, por vêzes, com, cenas que ultrapassam o limite: cenas que não se fazem absolutamente necessárias e que, retiradas, conservariam a trama em um prisma mais sadio. Um numeroso elenco proporciona-lhe boa qualidade interpretativa. Entre êles encontramos Fernandel, com excelente trabalho, conseguindo, com suas mãos eloqüentes, construir realmente um cabeleireiro com tôdas as minúcias; Blanchette Brunoy, em Aline, discretamente correta; Renée Devillers, Arlette Poirier, Françoise Soulie e outros, atuam todos com correção. A fotografia, sem maiores relevos ou contrastes, apenas funciona, sem entretanto ser mais expressiva. Ritmo homogêneo e peculiar à comédia não permite que o filme caia de interêsse em nenhum momento, a música faz-se presente. Título original: «Coiffeur pour Dames», lançamento da Art Films no cinema Vitória e circuito.

2 — "A LOUCA"

Durante o transcurso do Festival Internacional, na única cobertura completa efetuada no Brasil, o filme mereceu ampla análise na A CENA nº 10. O que o filme tem de bom é o trabalho de Libertad Lamarque, em excelente atuação. A atriz fugiu ao «hokum» mas o mesmo não o pôde fazer o diretor Miguel Zacarias, acentuando o lado mórbido do tema. Comercialmente o filme rendará muito.

1 — "BONITA E AUDACIOSA"

História frágil de uma milionária que resolve «bancar» Papai Noel numa cidade do interior, provocando involuntàriamente inúmeros transtornos, inclusive uma nova «corrida do ouro», e incorrendo assim na irritação do médico que ela pretende conquistar. No final, fica tudo arranjadinho em seu lugar, terminando o filme tão insulso quanto seu desenrolar. É comédia romântica, mas é raro ver-se um romance tão sem graça ou uma comédia tão pobre. Como diversão, entristece profundamente o espectador. Lamentável o desperdício de um talento como o de Jean Simmons em películas dêsse nível. Ela se esforça, mas nada consegue retirar do papel. E a direção de Lloyd Bacon é inexistente. Robert Mitchum cada vez mais sonolento e «canastra». Arthur Hunnicut é um garôto enjoadinho. Entretanto, alguns dos coadjuvantes compõem silhuetas interessantes. Em resumo, «Bonita e audaciosa» é um filme vazio inteiramente e desinteressante como só êle. Título original: «The couldn't say no», produção RKO Radio, exibida no circuito do Plaza.

1 1/2 — "IMPÉRIO DO PAVOR"

Muitos tiros, muito sangue, muitas mortes. Até aí, nada de novo. E a direção de Bud Boetticher não acrescenta nenhum valor especial. É mais um «western» que prima pela violência, e consegue se destacar nesse setor apesar da dura concorrência com as outras produções do gênero. Ódio entre irmãos extravazado em cenas de sadismo típico, «cow punchers» estertorando-se em agonia são algumas das barbaridades que campeiam pelo filme. Um necrotério, em suma. A película é, entretanto, bastante movimentada, não faltando ação a tôda esta mortandade. O elenco é composto, em sua maioria, de intérpretes seguros. Robert Ryan, vilão desta feita, sempre correto. Julia Adams, Rock Hudson aparecem bem. O melhor é o excelente Raymond Burr, que se impõe numa aparição rápida. A fotografia em «technicolor» apresenta alguns bonitos exteriores. «Station west», uma produção Universal International lançada no Odeon e circuito.

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

SEMANA INICIADA A PARTIR DE 3 DE MAIO

«O MISTÉRIO DA CASA GRANDE» («Jamaica Run») — Paramount, em «technicolor», com Ray Milland e Arlene Dahl. Direção de Lewis R. Foster. (No Ipiranga).

«DEVOÇAO DE ASSASSINO» («The stranger in Between») — Produção inglêsa, com Dirk Bogarde e Kay Walsh. Direção de Charles Crichton. (No Ritz São João).

«INVASAO DOS ESTADOS UNIDOS» («Invasion U.S.A.») — Columbia, com Gerald Mohr e Peggy Castle. Direção de Alfred L. Green. (No Oásis).

«O CARRASCO DE VENEZA» («Le Bourreau de Venize») — Art Films. Com Franca Marzi e Armando Francioli. Direção de Vittorio Cotafavi. (No Marrocos).

«BURLADA» — Filme mexicano, direção de Fernando Rivero, com Jorge Mistral e Guillermina Grim. (No Broadway).

JÁ EXIBIDOS NO RIO

«O VELEIRO DA AVENTURA» («Plimouth Adventure») — Metro, com Spencer Tracy e Gene Tierney. «Technicolor». (No Metro e circuito). Já comentado.

«AVENTUREIRO DO MISSISSIPI» («Mississipi Gambler») — Direção de Rudolph Maté, com Tyrone Power. (No Marabá e circuito). Já comentado.

«NOBRE INIMIGO» («Brave Warrior») — Com John Hall e Christine Larson. Direção de Spencer G. Bennett. (No Ópera).

EM "REPRISE"

«O PROSCRITO» («The Outlaw») — Produção e direção de Howard Hughes. Apresentação da RKO, no Art Palácio.

«A FAMÍLIA EXÓTICA» — Realizado por Marcel Carné, em 1937. A base é policial: um crime suposto. Da mesma classe dos policiais de Clouzot, e «Trágica inocência», de Deccin, e «Estranha coincidência», de Dreville. Como as citadas, esta crítica ao «policial», é obra-prima sob o ponto de vista da imaginação criativa, sutileza e inteligência. Curiosas interpretações de Michel Simon, Jouvet, Jean Louis Barrault, Françoise Rosay e de Jean Pierre Aumont. («Drole de drame», reexibida no Normandie).

PERMANÊNCIA EM CARTAZ

«O MANTO SAGRADO» — (5ª semana, no República) Fox.
«OS FILHOS DO AMOR» — (3ª semana, no Jussara) França Films.



«Guardas e Ladrões», com Totó e Aldo Fabrizi, a ser apresentado no Festival da Art Films.

PRÉ-ESTRÉIA DO FESTIVAL DA ART-FILMES

3 — «CIDADE DA PERDIÇÃO»

Pelo tema que aborda poderia resultar num libelo contra as deficiências da justiça, que deixa impunes os crimes dos grandes desta terra. Mas «Cidade da perdição» não toma uma atitude definida; aqui, acusa tìmidamente, para se retratar mais adiante. Protesta baixinho, e logo se cala, envergonhando-se do que deixou escapar. E assim vai, sempre indeciso, terminando com a imolação do inocente, num final que não apresenta a fôrça que dêle se deveria exigir. E, se como conteúdo humano ou social «A cidade da perdição» pouco vale, também sua forma cinematográfica deixa muito a desejar. Zampa usa uma câmara muito estática, abusa dos diálogos, e narra sua história num ritmo lento, arrastado, monótono. Esta, é um tanto inconsistente e confusa, cheia de assassínios, culpados, cartas anônimas e interrogatórios, apresentando detalhes de uma ingenuidade a tôda a prova, como a autoria da canção «Tradimento», servindo para indigitar um dos criminosos, o ourives que tem a composição por passatempo... A acusação da justiça fica perdida assim num labirinto de situações, só vindo à baila algumas vêzes, e muito discretamente. Mas «Cidade da perdição» tem suas qualidades; Zampa consegue, por vêzes, criar um clima carregado, que pesa como as ameaças do sinistro sindicato do crime, muito propício ao desenrolar da história. No elenco, figuram os nomes de alguns dos melhores intérpretes do cinema italiano, todos em desempenhos excelentes: o notável Edoardo Cianelli, Nazzari, Paolo Stoppa, Dante Maggio... Em plano inferior, Franco Interlenghi. Silvana Pampanini faz uma discreta aparição. O acompanhamento musical é magistral; interessante o efeito conseguido no instante da fuga do casal, após a descoberta do crime, quando à canção popular que serve de «leit-motiv» na partitura musical, se contrapõem acordes graves. «Processo alla città», uma produção Film Costellazione.

CINE-RESPOSTAS

TÔDA A CORRESPONDÊNCIA PARA ESTA SEÇÃO DEVERÁ SER ENDEREÇADA A ROVLAND, CINE-RESPOSTAS, "A CENA MUDA", RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15, RIO DE JANEIRO, BRASIL

AS COTAÇÕES DOS LEITORES DE "A CENA"

EXTRAORDINÁRIO INTERÊSSE DOS LEITORES — TÔDAS AS CARTAS COMEÇAM A SER RESPONDIDAS

Relativamente ao inquérito: "As cotações dos leitores", embora o prazo para o recebimento das respostas ainda não se tenha encerrado (Dia 31 de Maio) já é impressionante o índice de agrado e apoio manifestado pelos leitores para com "A CENA". Tôdas as cartas que incluíram sugestões estão sendo respondidas na seção de "Cine-Respostas", devendo todos aquêles que as remeteram, aguardar as próximas respostas nos seguintes números. Em virtude de ter crescido muito a aceitação, em todo o Brasil, da atual "A CENA" inúmeras têm sido as cartas solicitando revistas que se esgotaram, em diversas localidades. A fim de que seja mais prontamente atendido a esta repercussão, aconselhamos aos interessados a utilização do recurso das assinaturas, exclusivamente através de registro, por seis meses ou um ano, cujos esclarecimentos são publicados na barra da página 34. A todos aquêles que assim desejarem, os respectivos pedidos deverão vir acompanhados de vales postais e dirigidos exclusivamente à gerência. "A CENA" agradece as múltiplas atenções que está recebendo, em conseqüência do inquérito "As cotações dos leitores", pôsto em prática, pela primeira vez, no país, por intermédio desta revista. E, em sentido crescente, promete satisfazer ao inestimável apoio e colaboração dos leitores.

Gumercindo A. Felício (Londrina, Paraná) — A sugestão acima, relativamente à assinatura registrada, representa o recurso mais rápido para o caso de Londrina e de várias outras cidades. A rua Visconde de Maranguape não se encontra na Cinelândia, conforme errôneamente lhe explicaram e, sim, na Lapa. Daí o motivo porque não a encontrou quando da sua estada no Rio. Trata-se de uma rua pequena, situada próxima ao Cinema Colonial. A gerência vai providenciar os números que ainda existem, entre os que pediu. As sugestões em tôrno da capa são boas mas, a criação da seção interna "A nossa capa" já resolve algumas das suas boas concepções. Quem está encarregada desta página é Alice Gonzaga, filha do grande pioneiro Ademar Gonzaga. Como seu pai possui o maior arquivo do mundo (opinião de todos os vultos internacionais que o conhecem, inclusive quando do recente Festival Internacional em São Paulo) encontra dados absolutamente inéditos e exatos sôbre a vida íntima de cada um dos distinguidos com a capa. Todos os colaboradores de "A CENA" agradecem a sua amabilidade e, quanto ao desenho da "estrêla", vamos entregar a sua carta a Alice que está resolvendo, com talento, tôdas essas particularidades referentes à capa. Números para o sorteio dos álbuns: 081; 082 e 083.

Maria Lúcia Faria (Rio, Jardim Botânico) — A sua valiosa solicitação, bem como de vários outros leitores, vai ser atendida. A seção de "ballet' vai entrevistar as nossas primeiras figuras. O volume de pedidos iguais já superou a média exigida para a aceitação da lembrança. Porém, a medida sòmente será iniciada em julho. Para o sorteio, as suas dezenas são: 084; 085 e 086.

Pedro Antônio Cherem (Curitiba) — Quanto à capa, não é assunto que possa ser resolvido de pronto. Por outro lado, tem havido francos louvores quanto às escolhas das fotos. "A CENA" agradece. Para o sorteio dos álbuns as suas dezenas são: 087; 088 e 089.

Harley Tiago de Souza (Lins, Instituto Americano, E. de São Paulo) — Muito boa a sua idéia de alguns dos nossos principais atores escreverem pequenas colunas de impressões em "A CENA". Relativamente poucos lembraram-se disto. Entretanto, ainda que, após o encerramento do prazo para as respostas de "As cotações dos leitores" (dia 31 de maio) o número de pedidos esteja inferior ao mínimo para a aceitação, ainda assim vamos estudar com simpatia o pedido. "A CENA" agradece. Para o sorteio dos álbuns, as suas dezenas são: 090; 091 e 092.

(Continua na pág. 33)

Rádio

EDEL NEY

JULINHA SILVA TORNOU-SE "ESTRÊLA" POR CAPRICHO

Julinha Silva sempre gostou de cantar. Cantava, porém, sem a necessária experiência, sem a classe que só se adquire cantando horas seguidas, todos os dias. Ter bonita voz é uma coisa, mas, saber cantar é muito diferente. E isso é que Julinha Silva tinha que aprender. Como tôda candidata a "estrêla" percorreu os nossos melhores programas de calouros. Em todos saiu-se muito bem, e todos a animaram a prosseguir.

Um dia, com saudades da família distante, lá em Manaus, partiu para o Amazonas. O que aconteceu lá é que não estava no programa. Uma tia de Julinha, sabedora de seus triunfos no "Rádio carioca" levou-a até a Rádio Baré e a apresentou ao diretor da mesma, que se entusiasmou pela voz da nova "estrêla". E foi a conta! A estréia da nova "estrêla", anunciada como exclusiva da Rádio Vera Cruz, do Rio, (o diretor da Baré era muito amigo dos dirigentes dessa Emissora carioca e garantiu que arranjaria tudo muito bem), passou a ser irradiada de minuto a minuto. E a estréia de Julinha Silva bem como a sua temporada foram um verdadeiro sucesso. E a linda amazonense começou a tomar gôsto pela sua carreira.

De volta ao Rio, trouxe uma carta para os diretores da Vera Cruz e relatou aos mesmos o ocorrido. Henrique Batista não teve a menor dúvida em aproveitar a nova cantora que nascia de modo tão original. E Julinha Silva passou a integrar o "cast" de "Sambas e outras coisas".

A "estrelinha", contudo, sonhava com mais amplos horizontes. E, um dia, tomando coragem, enfrentou os diretores da Mayrink Veiga. Submetida a um teste foi aprovada e imediatamente contratada.

Daí, Julinha Silva passou a ganhar cartaz dia a dia. Seu nome tornou-se popular, sua voz foi arregimentando fãs e, atualmente, com apenas meses de atuação no sem fio carioca, Julinha Silva caminha a passos largos para a fama.

Antônio Almeida, diretor da Todamérica Discos, notando o valor da pequena, deu-lhe a cobiçada chance de gravar. E Julinha já tem dois discos à venda. Sua mais recente chapa, que vem conseguindo bom êxito, reúne dois bonitos sambas-canção; "Finge gostar", de Jaime Florence e Francisco Anizio, e "Um dia sem te ver", de Jaime Florence e Augusto Mesquita.

DISCOS—NOVIDADES

Decorreu animado, o "cock-tail" que a firma "Irmãos Rozenblit", lançadora dos discos "Mocambo", promoveu quinta-feira, dia 15, às 19 horas, no bar Vilarinho, em homenagem à crítica especializada. La estiveram, entre outros, Claribalte Passos de "A Carioca", Sílvio Túlio Cardoso de "O Globo", Max Gold de "P & N", Iolandino Màia, da "Radiolândia", Dirceu Ezequiel de "A Noite Ilustrada", o comentarista de "A Cena Muda" e a cantora Carmen Déa, mais o pianista José Luciano, que vem obtendo boa vendagem com o seu "long play" recém-lançado.

Durante o "cock-tail" foram distribuídos os últimos lançamentos da "Mocambo" e de suas representantes, a Mercury e a Seeco.

Foi uma festa modesta, íntima mesmo, que agradou plenamente. E a "Mocambo" promete realizar outras, futuramente.

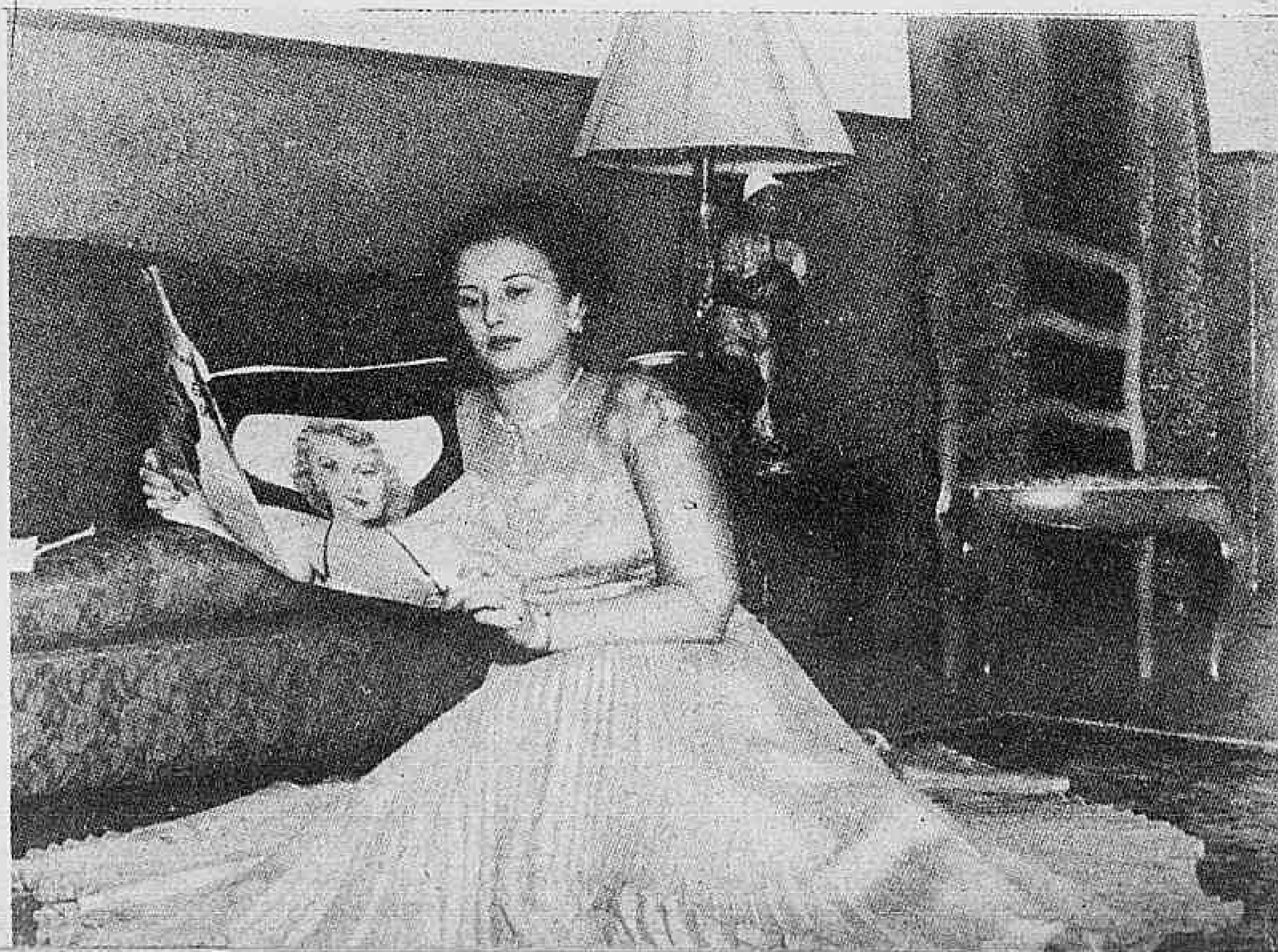
* * *

Alcides Gerardi é o artista mais prestigiado pela Odeon, no momento. Logo após lançar o seu disco que contém o sucesso "O esbarro" (já nas Paradas), colocou no mercado "A valsa do sorriso" (também fazendo bonita carreira) e, mais recentemente, sua criação "Doce mãezinha" que tem no reverso "Eterna lembrança". E os discos do cantor-galã da Nacional estão vendendo que nem água.

* * *

Seis novas e belíssimas historietas foram lançadas em discos Carroussel. São elas; "A gaiola dourada", "O casamento da rapôsa", "Tinta Preta e Bola de Neve", "Os três ursos", "A rapôsa e o seu bôlso" e "O macaco e o crocodilo".

Julinha Silva



DE TODO O MUNDO

SERVIÇOS ESPECIAIS PARA A "CENA", COORDENADOS POR L. BOLTSHALSER

MÉXICO

Jorge Mistral tem sua mais destacada "performance" em "A mentira"; com Marga Lopez, filme que servirá para revelar uma nova "estrêla", Gina Cabrera. Jorge Mistral é atualmente o mais destacado galã do moderno cinema mexicano e aquêle que atrai multidões femininas às salas de projeção... Pudera, depois de haver sido o "Albertinho Limonta"!...

Marga Lopez foi premiada com a "Águia", prêmio da Sociedade dos Correspondentes e Cronistas Cinematográficos do México, que a considerou a melhor intérprete feminina de 1953, por seu desempenho em "Casa de bonecas", ao lado de Miguel Torruco e Ernesto Alonso.

FRANÇA

Depois de seu sensacional êxito como Toulouse-Lautrec em "Moulin Rouge", José Ferrer desempenhará um importante papel em uma nova obra de Sacha Guitry. O próximo filme de Sacha, — "Napoleão" — em que o grande ator fará o imperador, terá José Ferrer como Bourienne, o secretário particular do Corso.

Eric von Stroheim prepara-se para uma nova atuação cinematográfica em "Le mal est mon destin", um filme de aventuras e espionagem, que será dirigido por Roland Quignon, um estreante, até agora conhecido apenas como arquiteto-decorador dos estúdios franceses. Na película, Stroheim ficará indeciso entre duas mulheres, Denise Lombard e Tilda Tamar, uma morena e outra loura.

Frank Villard será o principal "astro" de "Huis clos", em companhia de Arletty e Gaby Sylvia. Jacqueline Audry, a realizadora do filme, procura ainda atores para desempenhar outros difíceis papéis na produção.

ITÁLIA

Apesar do contraste físico que oferecem Anthony Quinn e Charles Chaplin, o papel que Quinn interpreta em "A rua", sob a direção de Fellini, tem uma certa analogia com o de Carlitos em "Tempos modernos". "A rua" narra as aventuras de um casal de saltimbancos, peregrinando pelas estradas da Itália.

Florença vem recebendo a visita de famosos "astros" do cinema internacional. Humphrey Bogart divertia-se contando anedotas aos seus amigos num café, enquanto Lauren Bacall, com sua voz de intonações cálidas fazia uma serenata. E Ava Gardner que parece ter um fraco por toureiros, passeia pela cidade em companhia do famoso "matador" Luis Dominguin. Não esquecer que, antes de Sinatra, já houve outro toureiro na vida de Ava, Mario Cabre.



O monstro atrás de Janet Leigh é seu marido Tony Curtis caracterizado para «Houdini, o Homem Miraculoso». Ninguém diria, não é?!



Joan Hagen, «estrêla» da M.G.M. com seus dois filhos. Ela aparecerá em «O Circo da Morte», produção em terceira dimensão e em tecnicolor.

EGITO

Continuam no Cairo as filmagens de uma biografia do rei Farouk, escrita, dirigida e interpretada por Gregory Ratoff. Dany Dauberson, convidada a atuar na película recusou, fiel à sua amizade de velha data pelo ex-soberano egípcio. Mas emprestará sua voz ao filme, cantando a canção "Tu peux chercher sur toute la terre", com a condição de que seu nome não figure no genérico.

ISRAEL

"Every mile a stone" é o título de uma película falada em inglês, que evoca uma página da Resistência. A "estrêla" do filme será a francesa Sophie Leclair, que atuará ao lado do ator Joseph Yadine.

HOLLYWOOD

Dore Schary, chefe de produção dos estúdios MGM e Edwin Knopf, produtor de "The glass slipper" continuam à procura de um bailarino que encarne a figura do Príncipe Encantando ao lado da Cinderella Leslie Caron. Dos candidatos exige-se, além de aprimorada técnica, que saibam representar e tenham uma bonita figura. O felizardo finalista será promovido a "astro".

Uma versão musical em CinemaScope de "Robin Hood", com Howard Keel no papel título, está sendo planejada para êste ano. Êste sucessor de "Ivanhoé" e "Os cavaleiros da Távola Redonda" será produzido por Jack Cummings e dirigido por George Sidney.

Pepa, a filhinha de Mel Ferrer, acaba de fazer sua estréia como atriz na peça intitulada "I remember Mamma", montada e interpretada pelo conjunto teatral de seu colégio, a "Bel Air School". Perguntada se pretendia fazer cinema, a menina respondeu que não tinha grande interêsse nisso. Acrescentou entretanto que gostaria de se ver na tela, para saber finalmente se é ou não bonita...

Corine Calvet está furiosa. Seu processo de divórcio contra John Bromfield resultou em excelente publicidade gratuita para o ex-marido. Agora, o outrora inativo John, é requestado por diversos produtores, tendo sido finalmente contratado para "estrelar" "The black Dakotas".



José Renato e Eva Wilma, intérpretes de «Uma Mulher e Três Palhaços».

Teatro Música

OSWALDO de OLIVEIRA

O TEATRO DE ARENA VIRÁ AO RIO!

Magníficas caracterizações e trajes, características louváveis da Companhia de Teatro de Arena.



Grande contribuição ao desenvolvimento artístico brasileiro tem prestado o teatro paulista. Apesar do número de companhias ser menor que no Rio, graças aos inúmeros recursos materiais que dispõe, alguns dos mais brilhantes espetáculos teatrais foram montados na paulicéia. Deve-se ressaltar a importância do Teatro Brasileiro de Comédia que congregou em seu elenco um grande número de valores da nova geração. Gente estudiosa, com bom lastro cultural, deixando-se dominar menos pela vaidade que pela inquebrantável fé na profissão e na cultura.

Assimilado o ar que se respira nesta atmosfera, inicia-se a fase de empreendimentos mais ousados, não só sôbre o aspecto intelectual como também material. Realmente uma das dificuldades dos grupos novos que se formam, consiste na montagem das peças. Deve-se para isto dispor inicialmente de grande quantia e, afora os «mecenas» (a quem o teatro brasileiro deve alguma coisa), raros são os «novos» que poderiam arcar com as responsabilidades que uma «montagem» requer. Responsabilidade financeira, queremos dizer.

Assim é que, um grupo de atores de São Paulo, onde destacam-se os nomes de Eva Wilma, Renata Blaustein, Henrique Becker, José Renato, John Herbert, Sérgio Brito; elementos, todos êles credenciados por inúmeras experiências anteriores no cinema e no teatro, resolveram se reunir, e constituirem-se na Companhia de Teatro de Arena.

O QUE E' O TEATRO DE ARENA

O teatro dito de arena é uma forma antiga de apresentação de peças. Teatro de Arena foi praticado pelos gregos em suas festas dionísicas, pelos católicos na Idade Média e, embora sofresse diversas modificações formais, nunca desapareceu ou foi esquecido de todo. Os modernos diretores russos experimentaram-no assim como os alemães na época em que o teatro sofria as mais transcedentais mudanças em suas concepções. Em 1936, Gilmor Brown construiu a primeira casa de espetáculos especializada em tal gênero: chamou-se «The Play Box». A diferença reside em que no teatro de Arena, desaparece o palco em seu aspecto tradicional. Os espectadores distribuem-se em tôrno de um tablado. Assim, a importância de um cenário fica reduzida a elementos decorativos que não impessam a visibilidade da ação. Além disso, deve-se ter em conta, que o ator está diante de 4 paredes de olhos, o que acresce a interpretação de dificuldades que no teatro, em sua forma tradicional não existe, pois o jôgo cênico é observado apenas por uma «parede» de olhos.

O REPERTÓRIO

No repertório da Companhia de Teatro de Arena estão programadas as seguintes peças: «Esta noite é nossa», de Stafford Dickens, «Demorado adeus», de Tennessee Williams, «Judas em Sábado de Aleluia», de Martins Pena e «Uma mulher e três palhaços», de Marcel Achard, esta última será a primeira apresentação do Teatro de Arena e caberá a direção a José Renato, figurinos a José Nunes, em tradução de Álvaro Moreyra. A estréia no Rio será nos primeiros dias de junho.

PÁGINA DO Leitor

A CENA publicará os melhores trabalhos enviados para esta página — Há necessidade dos textos serem escritos à máquina e que não ultrapassem de lauda e meia de papel ofício, em espaço dois — No final do corrente ano a orientação da revista ofertará duas lembranças aos dois colaboradores que mais se destacarem. Tôda a correspondência deverá ser endereçada a «Long-Shot», «Página do Leitor».

"MUSEU DE CÊRA"

Feito anteriormente pela Warner Brothers, trazia-nos as figuras de Lionel Atwill, Fay Wray, Lee Tracy, e a insubstituível Glenda Farrel no papel da repórter bisbilhoteira. Era um filme modesto e que alcançou imenso sucesso de bilheteria na época em que foi exibido. O cinema desenvolveu nomes como os de Lionel Atwiill, Fay Wray, Lee Tracy e Glenda Farrel. Já não existem, e a própria Warner apresenta-nos a terceira dimensão com uma história já exibida há mais de dez anos.

Neste filme temos a figura de Vincent Price, sempre um bom ator, dominando tôdas as cenas em que aparece. A nova invenção, que se afigura como uma das maravilhas, está despertando interêsse entre o público. A história suprimiu a personagem que Glenda Farrel vivia, e que era o ponto alto do filme e, talvez, a melhor interpretação da antiga "gold-diger" das revistas da Warner. Neste filme existem seqüências ótimas como aquêle "camelot" na porta do museu; o incêndio, com o derretimento das figuras de cêra; a chuva etc.

Estive recentemente no Rio e aproveitei para ver alguns filmes 3-D. Francamente, gostei mais das comédias malucas dos três patetas, com velhas cenas de pastelões, cientistas loucos, gorilas, etc. Tive a oportunidade de ver a platéia rir com as coisas que vinham em sua direção. Esperemos, portanto, mais filmes e, de preferência, comédias para divertir. As histórias apresentadas atualmente não se recomendam, fazendo com que produtores busquem as antigas para apresentarem filmes que trazem novidades como Terceira Dimensão, CinemaScope etc.

A não ser que as produtoras de filmes imitem o Colé que arranjou "Brotos em 3-D", enganando o público, com aquela colcha de retalhos de velhos espetáculos patrocinados pela Renata Fronzi e Cezar Ladeira, nos seus antigos "Cafés Concertos".

Nas exibições de filmes em terceira dimensão, precisamos de óculos especiais o que acho virá trazer-nos complicações futuras. Aquêles óculos, apesar de obedecerem a uma limpeza especial, voltam sempre ao exibidor o que lhes proporcionará uma excelente fonte de renda. Quanto ao resto, sòmente a Saúde Pública poderá opinar, já que os olhos são peças de nosso corpo que merecem cuidados especiais!

Aguardemos o "CinemaScope", que já anuncia o "Manto Sagrado" sem o uso dêstés óculos especiais, e como uma novidade superior à terceira dimensão. Infelizmente, não foi possível assisti-lo, mas ainda terei a oportunidade para poder dar a minha opinião.

Terceira dimensão, CinemaScope ou qualquer invenção que surja só poderão alcançar sucesso trazendo boas histórias. A não ser que os produtores resolvam refilmar os antigos sucessos do cinema mudo. No recente festival Metro, vimos dois velhos sucessos como "Prisioneiro de Zenda", e "A Viúva Alegre", por sinal dois autênticos fracassos, fazendo com que os fãs recordassem as antigas, onde Ronald Colmann e Douglas Fairbanks Jr., e John Gilbert e May Murray ou mesmo Maurice Chavalier e Jeanete Mac Donald brilharam intensamente. O que me faz pensar que, além das histórias, os filmes modernos também precisam de bons valores para substituir os velhos ídolos do cinema.

DURVALTÉCIO ARAÚJO FONSECA — (Bahia)

EM FACE DO CINEMA BRASILEIRO

Foi com a chegada de Cavalcânti que o cinema brasileiro começou a tomar certo rumo. As comédias patuscadas e os carnavalescos, depois de "Caiçara" não mais satisfaziam o público, mais exigente e cônscio com a melhora de produção. Antes, algumas esparças películas acalentavam sonhos, que hoje se tornaram realidade.

De princípio a Vera Cruz com muita influência estrangeira produzia filmes como "Terra é sempre terra", "Ângela", "Tico-tico no fubá" e outras que perdiam o caráter nacional para o sentido universal. Foi com "Cangaceiros" de Lima Barreto que o sentido universal foi caracterizado em imagens regionais.

No Rio, Paulo Vanderlei com "Maria da praia" e "Amei um bicheiro" (êste de parceria com Jorge Ileli) fugia também da influência para a realisação nacional. Alex Viany, entretanto, iniciou logo com uma ambicionada idéia, a da criação do néo-realismo verde-amarelo, o que evoluído e confirmado de "Agulha no palheiro" a "Rua sem sol". Em São Paulo salientamos as seguintes produções puramente nacionais: "Caiçara", "Uma pulga na balança", "Simão, o caôlho", "Luz apagada", "Candinho", "Cangaceiro", "Sinhá Moça" e o notável "Canto do mar".

Não falemos dos interêsses financeiros, dos acôrdos, dos "estrelismos", das perseguições, dos golpes, das proteções nem dos fracassos e decepções. Não só para dar bom exemplo como para não desanimar (ao menos nessa crônica). Uma coisa é certa: nossos sonhos de antanho, hoje são realidades. Nosso cinema é reconhecido no mundo inteiro, já disputa supremacia e impôs-se ao gôsto e às exigências do mais severo crítico: o povo.

ISMAR PÔRTO — (Rio)

CINE-RESPOSTAS

(Continuação da página 30)

Maria P. F. Tavares (Rio, Botafogo) — Coincidindo com a sua gentil sugestão, "A CENA" passou, desde a inauguração de "As cotações dos leitores" a publicar duas biografias por número: o ator da capa e o da série "Os grandes vultos". Certamente que adivinhamos que a idéia iria ser muito solicitada. Creio que ficou contente e muito grata. Para o sorteio dos álbuns as suas dezenas são: 093; 094 e 095.

Maria José (Niterói, Santa Rosa) — Crônicas sôbre os velhos atores do cinema silencioso é um raro pedido. Evidentemente, há famosos vultos que despertariam certa curiosidade. Porém, reportagens sôbre valores da atualidade causam maior agrado. Para a idéia ser posta em prática necessário seria muitos pedidos idênticos, até o final do mês de maio. "A CENA" agradece. As suas dezenas para o sorteio dos álbuns: 096, 097 e 098.

Gustavo Rockenbands (Niterói, Santa Rosa) — O aumento do espaço dedicado ao cinema brasileiro constitui um tão numeroso quanto simpático pedido. Contudo, a grave crise — encerramento das atividades da Multifilmes, da Kino Filmes e quase total da Vera Cruz, além de acentuada queda das emprêsas independentes restringe o noticiário. Assim que tudo se resolver, a ampliação será certa; B) "Cartazes em revista" já vem abrangendo os bairros, isto é os filmes "bólides" mas, dado o volume e justiça das sugestões, o contrôle aumentará; C) Para a formação básica de idéias técnicas gerais de cinema recomendamos o livro em espanhol, de León Kulechov: Tratado de la realización Cinematográfica. "A CENA" agradece. Os seus números para o sorteio dos álbuns: 099; 100 e 101.

Clara Quarto (São Paulo, Bela Vista) — O seu pedido e de outros interessados na Lolobrigida foi atendido no número anterior. Pier Angeli já está nas cogitações para o segundo semestre. Com a gratidão de "A CENA" comunico as suas centenas para o sorteio dos álbuns: 102, 103 e 104.

Eugênio Cândido da Silva (Rio, Méier) — Tem sido ampla a cobertura ao cinema europeu. Ainda assim, o seu pedido foi anotado. "A CENA" agradece. Os seus números para o sorteio dos álbuns são: 105, 106 e 107.

Humberto Nunes de Souza (Rio) — A filmografia dos diretores de cinema é um caso pràticamente resolvido, tal o volume de solicitações. Entretanto, não poderá ser no momento e sim quando as duas séries de "Os melhores de todos os tempos" findarem. Sim, haverá uma continuação, em reverência ao cinema silencioso. "A CENA" agradece. Números para o sorteio dos álbuns: 108, 109 e 110.

José Barros Camelo (Rio) — Os sinceros agradecimentos de "A CENA" pelo apreço que a sua opinião demonstrou. Os seus números para o sorteio dos álbuns são: 111, 112 e 113.

Glória Costa Marques (Rio) — Glória Grahame bem que merece uma reportagem, pois tem "roubado" muitos filmes dos figurões. Vamos providenciar a respeito mas é certo que a demora não será pequena. Grato por tudo. Os seus números para o sorteio do álbum são: 114, 115 e 116.

Gilberto Benevenuto (Bauru, S. Paulo) — As páginas centrais em tricomia fazem parte dos planos de "A CENA". Conforme deve ter verificado, há sempre um mínimo de duas biografias por número. Com a gratidão da revista, informamos os números para o sorteio dos álbuns: 117, 118 e 119.

Gervásio Pereira (Cambuci, São Paulo) — Conforme deve ter verificado, foi satisfeito o seu pedido, bem como o de muitos outros, no tocante à publicação de artigos sôbre Cinerama, Cinemascope, "3-D", etc. ("CENAS" 18 e 19). Quanto ao pedido dos atores inglêses em Hollywood vai sair, dentro em muito breve, sôbre Jean Simmons, Stewart Granger, etc. Grato pela sua longa carta. Números para o sorteio dos álbuns: 120, 121 e 122.

Rubens de Almeida (Santos) — Embora não caiba a esta seção o envio de números atrasados, tomamos tôdas as providências no sentido de que receba, aí na sua cidade, o número 16. De acôrdo com o que se encontra na capa (página 35) e na página 30 — o melhor meio de regularidade a fim de receber sempre a revista é uma assinatura mas sòmente através de registro.

Ismar Pôrto (Rio) — Os seus trabalhos na "Página dos Leitores" têm sido muito apreciados. Vão sair todos e, apenas a demora diz respeito à "fila". A antiga seção "Caras e Caretas" é, realmente, muito interessante. Contudo, no momento duas biografias semanais, a da capa e da série "Os grandes vultos", a redação acredita que seria explorar demais o mesmo assunto. Porém, de diretores e coadjuvantes certamente que virão. Creio ser um tanto difícil

(Cont. na pág. 34)

CINE-RESPOSTAS

ampliar a seção de "Discos", um pedido de raros solicitantes. Pela mesma razão, a de "Swing-Fan". Através da "enquête" o que está francamente positivo é o domínio absoluto da parte de cinema. Gratíssimo pelas ótimas colaborações e interêsse demonstrado. Números para o sorteio dos álbuns: 123, 124 e 125.

Marlene Alcântara Gino (Rio) — Reportagem com Susan Hayward sairá assim que se obter uma foto inédita e de qualidades para capa. Por outro lado, ela é, sem dúvida, digna de figurar na série "Os grandes vultos". De uma ou outra maneira será atendida, embora isto esteja sujeito à demora de alguns meses. "A CENA" agradece. Números para o sorteio dos álbuns: 126, 127 e 128.

Eduardo Walter Kirshiner (São Paulo) — Seria fácil prever (anterior correspondência) que as biografias seriam muito solicitadas. Assim, junto com o concurso das opiniões, a revista lançou duas biografias semanais (capa e "Grandes Vultos"). Grato pela atenção. Números para o sorteio dos álbuns: 129, 130 e 131.

D. A. Alves (São Paulo) — O vultoso número de 17 biografias solicitadas exigirá paciência no tocante ao fator tempo. Muitos dêles sairão nos "Grandes Vultos" (Jean Simmons e companhias), outros nas capas (Gene Kelly saiu há pouco numa reportagem de quatro páginas: "CENA" 12 e capa 16. De Tônia Carrero e outros já solicitamos determinadas providências. Gratíssimo pela atenção. Números para o sorteio: 132, 133 e 134.

L. M. Chrestenzen (Curitiba) — Um estímulo para o Corpo Redatorial as respostas e apreciações tão minuciosas e bem observadas quanto à sua e de muitos outros. As suas sugestões, diversas delas já foram atendidas (biografias semanais), outras serão dentro em pouco (ampliação de "De Todo o Mundo"); outras em estudo, dependendo do número de pedidos (Teatro e Capa); Cinema Brasileiro obséquio ler a resposta dada a Gustavo Rockenbads, nesta seção e neste número; o fichário para os filmes tem sido tão solicitado que é quase certo venha a ser feito, anexo às críticas, em "Cartazes em Revista"; creio que não há possibilidade de criar seção de "jazz" porque não há mesmo solicitações neste sentido. Após a grande "enquête" "As cotações dos leitores" vai ser dificílimo atender a alguma sugestão. A ampla e original oportunidade foi dada aos que realmente, se interessam por "A CENA" e é justo que se atenda à maioria dos que distinguem a revista. Grato por tudo. Números para o sorteio: 135, 136 e 137.

José Cardena (São Paulo, Itapetininga) — O pedido sôbre Jane Russell vai ser atendido na "A CENA" 22. Gostou? Grato pelas considerações e, inclusive por H. Andersen. Números para o sorteio: 138, 139 e 140.

Glória F. Medina (Petrópolis) — De fato, agradou muito a seção "Os grandes vultos da atualidade e do passado". As seções a que se referiu ocupam tão pouco espaço que, em nada prejudicam o vulto dominador do cinema em "A CENA". É apenas para fixar, sintèticamente, o que de mais importante se passa. Grato pela atenção. Números para o sorteio: 141, 142 e 143.

Carlota Pinto Ferreira (Rio) — Assim também é bom: a revista está tão boa que não necessita de sugestões. Entretanto, não sabe o quanto as observações dos leitores são apreciadas. A sua opinião sôbre "Os melhores de todos os tempos" é igual a de todos: êxito absoluto. "A CENA" agradece. Números para o sorteio: 144, 145 e 146.

Nicolau José dos Santos (Santos) — Não sei o que houve com o número 16 por aí. Pessoalmente, o secretário da revista tomará as devidas providências. Entretanto, seria preferível a assinatura, exclusivamente por registro, por 6 meses ou 1 ano, conforme é sugerido nas páginas 30 e 35 (Contra Capa Interna). O interêsse pela revista aumentou tanto que sòmente assim se poderá garantir o recebimento exato dos números.

Francisco Elias (Rio, Copacabana) — Sempre cogitamos do aumento desta seção mas será conveniente ler a resposta dada a Gustavo Rockenbads. Agradecemos as referências. Números para o sorteio dos álbuns: 147, 148 e 149.



Óleo de Peroba

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente v o l u m o s o, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME..............................
RUA.................... Nº.....
CIDADE............................
ESTADO............................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00



QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA e PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. de Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

José Freitas Freire (Rio) — A sua gentilíssima carta representou um grande estímulo para todos os que labutam pelo progresso de "A CENA" em sua atual fase. A sinceridade dos seus conceitos refletiu de forma a que os agradecimentos não faltassem dos vários colaboradores. Para o sorteio dos álbuns, números: 150, 151 e 152.

"Fã da Velha Guarda" (São Paulo) — Grande notícia: Haverá, após o término do retrospecto do cinema falado, a segunda série de "Os melhores filmes de todos os tempos", referente ao cinema silencioso. As fotos de Pearl White, precisamente naqueles filmes, sairão em "A CENA". As fotos são cedidas do maior arquivo do mundo, de Ademar Gonzaga, razão porque é impossível ceder alguma. "A CENA" agradece. Números para o sorteio dos álbuns 153, 154 e 155.

A CENA MUDA

Fundada em 1921
Secretário
Oswaldo de Oliveira
(Jonald)
Publicidade
J. M. Costa Júnior, S. L. Guimarães, A. Mendes, S. Sant'Anna e A. Nóbrega
Desenho e Paginação
Luiz Lléo Sampaio
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor
Gratuliano Brito

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino — R. Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569. Publicidade: W. Farinello — Rua S. Bento, 220, 3º andar — Telefone: 32-1512.

PREÇOS

Número avulso em todo o território Nacional	Cr$ 4,00
Número atrasado	Cr$ 4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$ 200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$ 100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$ 230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$ 120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$ 350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$ 180,00

GRANDES PRÊMIOS JÁ ESTÃO ASSEGURADOS PARA O CONCURSO QUE "A CENA" LANÇARÁ DENTRO EM BREVE. PREVINA-SE COM O SEU EXEMPLAR, ASSINANDO ESTA REVISTA (VIDE PÁGINA 30).

KATHRYN GRAYSON

NO PRÓXIMO NÚMERO:

- ★ UM SENSACIONAL TRABALHO: "O CINEMA CONQUISTA O ESPAÇO"
- ★ REPORTAGEM COM AVA GARDNER
- ★ ÊXODO PARA O CINEMA ITALIANO
- ★ OS GRANDES VULTOS DA TELA: ARLETTY



KATHLEEN HUGHES
(UNIVERSAL)